

ARTHUR AZEVEDO



CAPITAL FEDERAL

COMEDIA-OPERETA DE COSTUMES BRASILEIROS

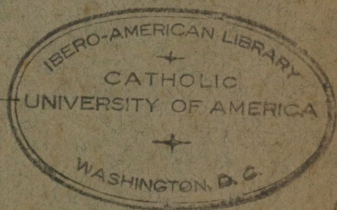
EM

3 ACTOS E 12 QUADROS

MUSICA

DE

Nicolino Milano, Assis Pacheco e Luiz Moreira



RIO DE JANEIRO

Casa Mont'Alverne, rua do Ouvidor n. 82

1897

PQ
9697
1A95
C3
1897

A

CAPITAL FEDERAL

Comedia-opereia de costumes brasileiros em 3 actos e 12 quadros

*Representada pela primeira vez no
Rio de Janeiro, no theatro Recreio Dramatico,
em 9 de Fevereiro de 1897.*

EMPREZA FERNANDES, PINTO & C.

Peças originaes de Arthur Azevedo

- *Amor por annexins*, comedia em 1 acto.
- *O anjo da vingança*, drama em 3 actos, de collaboração com Urbano Duarte.
- *O barão de Pituassu*, comedia-opereta em 4 actos.
- *O bilontra*, revista de 1885, em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.
- *A Capital Federal*, comedia-opereta em 3 actos.
- *O carioca*, revista de 1886, em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.
- *Cocota*, revista de 1884, em 4 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.
- *Casa de Orates*, comedia em 3 actos, de collaboração com Aluizio Azevedo.
- *A donzella Theodora*, opereta em 3 actos.
- *E mettam-se!* comedia em 1 acto.
- *Entre o vermouth e a sopa*, comedia em 1 acto.
- *O escravocrata*, drama em 3 actos, de collaboração com Urbano Duarte.
- *A Fantasia*, revista de 1895, em 3 actos.
- *Fritzmac*, revista de 1888, em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Aluizio Azevedo.
- *O Homem*, revista de 1887, em 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.
- *Joanico*, opereta em 1 acto.
- *A joia*, comedia em 3 actos, em verso.
- *Kellar e Fagundes*, entre-acto comico.
- *O Liberato*, comedia em 1 acto.
- *O Major*, revista de 1894 em 1 prologo e 3 actos.
- *O mandarim*, revista de 1883, em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.
- *A Mascotte na roça*, comedia em 1 acto.
- *Mercurio*, revista de 1886, em 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.
- *Uma noite em claro*, comedia em 1 acto.
- *Os noivos*, opereta em 3 actos.
- *A pelle do lobo*, comedia em 1 acto.
- *A princeza dos Cajueiros*, opereta em 3 actos.
- *Pum!* opereta em 3 actos e 6 quadros, de collaboração com Eduardo Garrido.
- *Republica*, revista de 1889, em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Aluizio Azevedo.
- *O Rio de Janeiro em 1877*, revista em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Lino de Assumpção.
- *O Tribose*, revista de 1891, em 3 actos.
- *Uma vespera de Reis na Bahia*, comedia-opereta em 1 acto.
- *Viagem ao Parnaso*, revista de 1890, em 3 actos.

As peças com o signal • estão publicadas.



Eduardo Garrido

MESTRE E AMIGO

O. D. C.

Arthur Azevedo.

ARTHUR AZEVEDO



CAPITAL FEDERAL

COMEDIA-OPERETA DE COSTUMES BRASILEIROS

EM

3 ACTOS E 12 QUADROS

MUSICA

DE

Nicolino Milano, Assis Pacheco e Luiz Moreira



RIO DE JANEIRO

Casa Mont'Alverne, rua do Ouvidor n. 82

1897

9697
A 95
C 3
1897

PERSONAGENS

| | |
|--------------------------------------------------------|-------------------|
| Lóla..... | Pepa Ruiz. |
| D. Fortunata..... | Clelia. |
| Bemvinda..... | Olympia Amoedo. |
| Quinota..... | Estephania Louro. |
| Juquinha..... | Adelaide Lacerda. |
| Mercedes..... | Maria Mazza. |
| Dolores..... | Marieta Aliverti. |
| Blanchette..... | Magdalena Vallet. |
| Uma senhora (| Maria Granada. |
| Um litterato (| |
| Uma hospede do Grande Hotel da Capital Federal..... | Olivia. |
| Eusebio..... | Brandão. |
| Figueiredo..... | Colás. |
| Gouvêa..... | H. Machado. |
| Lourenço..... | Leonardo. |
| Duquinha..... | Zepherino. |
| Pinheiro (| Portugal. |
| Rodrigues (| |
| Um proprietario (| Pinto. |
| Um frequentador do Bellodromo (| |
| O Gerente do Grande Hotel da Capital Federal) | Lopes. |
| Outro litterato. | |
| S'il-vous-plait, amador de bicy- cletta. | Louro. |
| Motta (| Azevedo. |
| Lemos (| |
| Um convidado (| Oliveira. |
| Guedes (| |
| Um inglez..... | Peppo. |
| Um fazendeiro..... | Montani. |
| O «chasseur»..... | N. N. |

Hospedes e criados do Grande Hotel da Capital Federal, victimas de uma agencia de alugar casas, amadores de bicycletta, convidados, pessoas do povo, soldados, etc.

A CAPITAL FEDERAL

ACTO PRIMEIRO

QUADRO I

Sumptuoso vestibulo do Grande Hotel da Capital Federal. Escadaria ao fundo. Ao levantar o panno, a scena está cheia de hospedes de ambos os sexos, com malas nas mãos, e criados e criadas que vão e vêm. O gerente do hotel anda d'aqui para ali na sua faina.

SCENA PRIMEIRA

O GERENTE, UM INGLEZ, UMA SENHORA, UM FAZENDEIRO, UM HOSPEDE.

Coro e coplas

OS HOSPEDES.

De esperar estamos fartos!
Nós queremos descansar!
Sem demora aos nossos quartos
Faz favor de nos mandar!

OS CRIADOS.

De esperar estamos fartos!
Precisamos descansar!
Um hotel com tantos quartos
O topete faz suar!

UM HOSPEDE.

Um banho quero!

UM INGLEZ.

Aoh! mim quer come!

UMA SENHORA.

Um quarto espero !

UM FAZENDEIRO.

Eu estou com fome !

O GERENTE.

Um pouquinho de paciencia !
Servidos todos vão ser, emfim !
Eu quando falo fala a gerencia !
Fiem-se em mim !

CORO.

Pois paciencia,
Uma vez que assim quer a gerencia !

Coplas

O GERENTE.

I

Este hotel está na berra !
Coisa é muito natural !
Jamais houve nesta terra
Um hotel assim mais tal !
Toda a gente, meus senhores,
Toda a gente ao vel-o diz
Que os não ha superiores
Na cidade de Pariz !
Que bello hotel excepcional
O Grande Hotel da Capital
Federal !

CORO.

Que bello hotel excepcional, etc.

O GERENTE

II

Nesta casa não é raro
Protestar algum freguez :
Acha bom, mas acha caro
Quando chega o fim do mez.
Por ser bom precisamente,
Se o freguez é do bom tom
Vae dizendo a toda a gente
Que isto é caro mas é bom.
Que bello hotel excepcional
O Grande Hotel da Capital
Federal !

CORO.

Que bello hotel excepcional etc.

O GERENTE, *aos criados*. — Vamos ! vamos ! aviem-se ! Tomem as malas e encaminhem estes senhores ! Mexam-se ! mexam-se !...

(*Vozeria. Os hospedes pedem quartos, banhos, etc. Os criados respondem. Tomam as malas. Saem todos, uns pela escadaria, outros pela direita.*)

SCENA II

O GERENTE, depois FIGUEIREDO.

O GERENTE, *só*. — Não ha mãos a medir ! Pudera ! Se nunca houve no Rio de Janeiro um hotel assim ! Serviço electrico de primeira ordem ! Cosinha esplendida ! Musica de camera durante as refeições da mesa redonda ! Um relógio pneumático em cada aposento ! Banhos frios e quentes, duchas, sala de natção, gymnastica e massagem ! Grande salão com um *plafond* pintado pelos nossos primeiros artistas ! Emfim, uma verdadeira novidade ! — Antes de nos estabelecermos aqui, era uma vergonha ! Havia hoteis em S. Paulo superiores aos melhores do Rio de Janeiro ! Mas em boa hora foi organisada a Companhia do Grande Hotel da Capital Federal, que dotou esta cidade com um melhoramento tão reclamado ! E o caso é que a empresa está dando optimos dividendos e as acções andam por empenhos ! (*Figueiredo apparece no topo da escada e começa a descer*). Ali vem o Figueiredo. Aquelle é o verdadeiro typo do carioca : nunca está satisfeito. Aposto que vem fazer alguma reclamação.

SCENA III

O GERENTE, FIGUEIREDO.

FIGUEIREDO. — O' seu Lopes, olhe que, se isto continuar assim, eu mudo-me !

O GERENTE, *aparte*.—Que dizia eu ?

FIGUEIREDO.—Esta vida de hotel é intoleravel ! Eu tinha recommendado ao criado que me levasse o café ao quarto ás sete horas, — e hoje...

O GERENTE.—O miliante lhe appareceu um pouco mais tarde.

FIGUEIREDO.—Pelo contrario. Faltavam dez minutos para as sete... Você comprehende que isto não tem logar.

O GERENTE.—Pois sim, mas...

FIGUEIREDO.—Perdão; eu pedi o café para as sete e não para as seis e cincoenta !

O GERENTE.—Hei de providenciar.

FIGUEIREDO.—E que idéa foi aquella, hontem, de darem lagosta ao almoço ?

O GERENTE.—Homem, creio que lagosta...

FIGUEIREDO.—E' um bom petisco, não ha duvida, mas faz-me mal !

O GERENTE.—Pois não coma !

FIGUEIREDO.—Mas eu não posso ver lagosta sem comer !

O GERENTE.—Não é justo por sua causa privar os demais hospedes.

FIGUEIREDO.—Felizmente até agora não sinto nada no estomago... E' um milagre ! E sexta-feira passada ? Apresentaram-me ao jantar *mayonnaise* ! — *mayonnaise* ! Quasi atiro com o prato á cara do criado !

O GERENTE.—Mas comeu !

FIGUEIREDO.—Comi, que remedio ! Eu posso lá ver *mayonnaise* sem comer ! Mas foi uma coisa extraordinaria não ter tido uma indigestão !...

SCENA IV

Os mesmos, LOLA.

LOLA, *entrando arrebatadamente da esquerda.*
— Bom dia! (*Ao gerente.*) Sabe me dizer se o Gouvêa está?

O GERENTE. — O Gouvêa?

LOLA. — Sim, o Gouvêa, — um cavalheiro que está aqui morando desde a semana passada.

O GERENTE, *indiscretamente.* — Ah! o jogador... (*Tapando a bocca.*) Oh!... Desculpe!...

LOLA. — O jogador, sim, pôde dizer! Porventura o jogo é hoje um vicio inconfessavel?

O GERENTE. — Creio que esse cavalheiro está no seu quarto; pelo menos ainda o não vi descer.

LOLA. — Sim, o Gouvêa é jogador, e essa é a unica razão que me faz gostar d'elle!

O GERENTE. — Ah! a senhora gosta d'elle?

LOLA. — Se gosto d'elle?! Gosto, sim, senhor! Gosto, e hei de gostar, pelo menos emquanto der a primeira duzia!

O GERENTE, *sem entender.* — Emquanto der...?

LOLA. — Elle só aponta nas duzias, — ora na primeira, ora na segunda, ora na terceira, conforme o palpito. Ha perto de um mez que está apontando na primeira.

FIGUEIREDO, *aparte.* — E' um jogador das duzias!

LOLA. — Emquanto der a primeira amal-ohi até o delirio!

FIGUEIREDO. — A senhora é franca!

LOLA. — *Fin de siècle,* meu caro senhor, *fin de siècle!*

Walsa

Eu tenho uma grande virtude :
Sou franca, não posso mentir !
Commigo somente se illude
Quem mesmo se queira illudir !
Porque quando apanho um sujeito
Ingenuo, simplorio, babão,
Necessariamente aproveito,
Fingindo por elle paixão !

Engolindo a pilula,
Logo esse imbecil
Põe-se a fazer dividas
E loucuras mil !
Quando, emfim, o misero
Já nada mais é,
Eu sem dó applico-lhe
Rijo pontapé !

Eu tenho uma linha traçada,
E juro que não me dou mal...
Desfructo uma vida folgada
E evito morrer no hospital.

Descuidosa,
Venturosa,
Com folias
Sem amar,
Passo os dias
A folgar !

Só conheço as alegrias,
Sem tristezas procurar !

Eu tenho uma grande virtude, etc.

Mas vamos, faça favor de indicar-me o quarto do Gouvêa.

O GERENTE.— Perdão, mas a senhora não pôde lá ir.

LOLA.— Porque ?

O GERENTE.— Aqui não ha disso...

FIGUEREDO, *aparte*.— Toma !

O GERENTE.— Os nossos hospedes solteiros não podem receber nos seus quartos senhoras que não estejam acompanhadas.

LOLA.— Caracoles ! Sou capaz de chamar o Lourenço para acompanhar-me.

O GERENTE. — Quem é o Lourenço ?

LOLA. — O meu cocheiro. Ah ! mas que lembrança a minha ! Elle não póde abandonar a caleça !

O GERENTE. — O que a senhora deve fazer é esperar no salão. Um bello salão, vae ver, com um *plafond* pintado pelos nossos primeiros artistas !

LOLA. — Onde é ?

O GERENTE, *apontando para a direita*. — Ali.

LOLA. — Pois esperal-o-hei. Oh ! estes prejuizos ! Isto só se vê no Rio de Janeiro !... (*Vae a sahir e lança um olhar bregeiro a Figueiredo.*)

FIGUEIREDO. — Deixe-se disso, menina ! Eu não jogo na primeira duzia !

(*Lola sae pela direita.*)

SCENA IV

O GERENTE, depois o CHASSEUR.

O GERENTE. — Oh ! Sr. Figueiredo ! Não se trata assim uma mulher bonita !...

FIGUEIREDO. — Não ligo importancia a esse povo.

O GERENTE. — Sim, eu sei... é como a lagosta... Faz-lhe mal, talvez, mas atira-se-lhe que...

FIGUEIREDO — Está enganado. Essas estrangeiras não têm o menor encanto para mim.

O GERENTE. — Não conheço ninguem mais pessimista que o senhor !

FIGUEIREDO. — Fallem-me de uma trigueira... bem trigueira, bem carregada...

O GERENTE. — Uma mulata ?

FIGUEIREDO. — Um mulata, sim ! Eu digo trigueira por ser menos rebarbativo. Isso é

que é nosso, é que vae com o nosso temperamento e o nosso sangue ! E quanto mais dengosa fôr a mulata, melhor ! Yoyô, eu posso ? entrar de caixeiro, sahir como socio ?... Você já esteve na Bahia, seu Lopes ?

O GERENTE.— Ainda não. Mas com licença : vou mandar chamar o tal Gouvêa. (*Chamando.*) *Chasseur ! (Entra da direita um menino fardado.)* Vá ao quarto n. 135, e diga ao hospede que está uma senhora no salão á sua espera. (*O menino sae a correr pela escada.*)

FIGUEREDO. — *Chasseur !* pois não havia uma palavra em portuguez para...

O GERENTE.— Não havia, não senhor. *Chasseur* não tem traducção.

FIGUEIREDO. — Ora essa ! *chasseur* é...

O GERENTE. — E' caçador, mas *chasseur* de hotel não tem equivalente. O Grande Hotel da Capital Federal é o primeiro no Brasil que se dá ao luxo de ter um *chasseur* ! — Mas como ia dizendo... a Bahia ?...

FIGUEIREDO. — Foi lá que tomei predilecção pelo genero. Ah, meu amigo ! é preciso conhecê-las ! Aquillo é que são mulatas ! No Rio de Janeiro não as ha !

O GERENTE. — Perdão mas eu tenho visto algumas que...

FIGUEIREDO. — Qual ! Não me conte historias ! Nós não temos nada ! Mulatas na Bahia !...

Coplas

I.

As mulatas da Bahia
Têm de certo a primazia
No capitulo mulher ;
O sultão lá na Turquia
Se as apanha um bello dia,
De outro genero não quer !

Ai ! gentes ! que bella,
Que linda não é
A fada amarella
De trunfa enroscada,
De manta traçada,
Mimososa chinela
Levando calçada
Na ponta do pé !...

II

As formosas georgianas,
As gentis circassianas
São as flores dos harens ;
Mas, seu Lopes, taes sultanas,
Comparadas ás bahianas,
Não merecem dous vintens !
Ai ! gentes ! que bella, etc.

Seu Lopes, você já viu a *Mimi Bilontra* ?

O GERENTE — Isso vi ; mas a *Mimi Bilontra* não é mulata.

FIGUEIREDO. — Não, não é isso. Na *Mimi Bilontra* ha um typo que gosta de lançar mulheres. Você sabe o que é lançar mulheres ?

LOPES. — Sei, sei.

FIGUEIREDO. — Pois eu tambem gosto de lançal-as ! Mas só mulatas ! Tenho lançado umas poucas !

LOPES. — Devéras ?

FIGUEIREDO. — Todas as mulatas bonitas que têm apparecido por ahi arrastando sedas, foram lançadas por mim. E' a minha especialidade.

O GERENTE. — Dou-lhe os meus parabens.

FIGUEIREDO. — Que quer ? Sou solteiro, aposentado, independente : não tenho que dar satisfações a ninguem. (*Outro tom.*) Bom : vou dar uma volta antes de jantar. Não se esqueça de providenciar para que o criado não continue a levar-me café ás seis e cincoenta !

O GERENTE.—Vá descansado. A reclamação é muito justa.

FIGUEIREDO.—Até logo. (*Sae*).

O GERENTE, só.—Gabo-lhe o gosto de lançar mulatas! Imaginem se um typo assim tem capacidade para apreciar o Grande Hotel da Capital Federal!

SCENA VI

O GERENTE, LOLA, depois GOUVÊA, depois
O GERENTE.

LOLA, *entrando*. — Então? estou esperando ha uma hora!...

O GERENTE. — Admirou o nosso *plafond*?

LOLA. — Não admirei nada! O que eu quero é falar ao Gouvêa!

O GERENTE. — Já o mandei chamar. (*Vendo Gouvêa que desce a escada.*) E elle ahi vem descendo a escada. (*Aparte.*) Pois a esta não se me dava de lançal-a! (*Sae.*)

GOUVÊA, *que tem descido*. — Que vieste fazer? Não te disse que não me procurasses aqui? Este hotel...

LOLA. — Bem sei: não admitte senhoras que não estejam acompanhadas; mas tu não me appareceste hontem nem ante-hontem, e quando tu não me appareces, dir-se-hia que eu enlouqueço! Como te amo, Gouvêa! (*Abraça-o.*)

GOUVÊA. — Pois sim, mas não dês escandalo! Olha o *chasseur*! (*O chasseur tem effectivamente descido a escada, desapparecendo por qualquer um dos lados.*)

LOLA. — Então? a primeira duzia?

GOUVÊA. — Tem continuado a dar que faz gosto! 5... 11... 9... 5... Hontem sahiu o 5 tres vezes seguidas!

LOLA. — Continúas então em maré de felicidade?

GOUVÊA. — Uma felicidade brutal !... Tanto assim, que tinha já preparado este *enveloppe* para ti...

LOLA. — Oh ! dá cá ! dá cá !...

GOUVÊA. — Pois sim, mas com uma condição : vae para casa, não estejas aqui.

LOLA, *tomando o envelope*. — Oh ! Gouvêa, como eu te amo ! Vaes hoje jantar commigo, sim ?...

GOUVÊA. — Vou, comtanto que saia cedo. E' preciso aproveitar a sorte ! Tenho certeza de que a primeira duzia continuará hoje a dar !

LOLA, *com enthusiasmo*. — Oh ! meu amor !...
(*Quer abraçal-o.*)

GOUVÊA. — Não ! não !... olha o gerente !...

LOLA. — Adeus ! (*Sae muito satisfeita.*)

O GERENTE, *que tem entrado, aparte*. — Vae contente ! Aquillo é que deu a tal primeira duzia ! (*Inclinando-se diante de Gouvêa.*) Doutor...

GOUVÊA. — Quando aqui vier esta senhora, o melhor é dizer-lhe que não estou. E' uma boa rapariga, mas muito inconveniente.

O GERENTE. — Vou transmittir essa ordem ao porteiro, porque eu posso não estar na occasião. (*Sae.*)

SCENA VII

GO'UVEA, só.

E' adoravel esta hespanhola, isso é... não chóro uma boa duzia de contos de réis gastos com ella, e que, aliás, não me custaram a ganhar... mas tem um defeito : é muito *collante*...

Estas ligações são o diabo... Mas como acabar com isto?... Ah! se a Quinota soubesse!... Pobre Quinota! deve estar queixosa de mim... Oh! os tempos mudaram... Quando estive em Minas era um simples caixeiro de cobranças... E' verdade que hoje nada sou, porque um jogador não é coisa nenhuma... mas ganho dinheiro, sou feliz, muito feliz! A Quinota no final das contas é uma roceira... mas tão bonita!... E d'ahi, quem sabe? — talvez já se tivesse esquecido de mim.

SCENA VIII

GOUVÊA, PINHEIRO, depois O GERENTE.

PINHEIRO, *entrando*. — Oh! Gouvêa!

GOUVÊA. — Oh! Pinheiro! que andas fazendo?

PINHEIRO. — Venho a mandado do patrão falar com um sujeito que mora neste hotel... Mas que luxo! como estás abrilhantado! Vejo que as coisas têm te corrido ás mil maravilhas!

GOUVÊA, *muito secco*. — Sim... deixei de ser caixeiro... Embirrava com isso de ir a qualquer parte a mandado do patrão... Atirei-me a umas tantas especulações... Tenho arranjado para ahi uns cobres...

PINHEIRO. — Vê-se... Estás outro, completamente outro!

GOUVÊA. — Devo lembrar-te que nunca me viste sujo.

PINHEIRO. — Sujo não digo... mas vamos lá: já te conheci páo de lorangeira! Por signal que...

GOUVÊA. — Por signal que uma vez me emprestaste dez mil réis. Fazes bem em lembrar-me essa divida.

PINHEIRO. — Eu não te lembrei coisa nenhuma !

GOUVÊA. — Aqui tens vinte mil réis. Dou-te dez de juros.

PINHEIRO. — Vejo que tens a esmola facil, mas — que diabo ! — guarda o teu dinheiro e não o dês a quem t'o não pede. Fico apenas com os dez mil réis que te emprestei com muita vontade — e sem juros. Quando precisares delles, vem buscal-os. Cá ficam.

GOUVÊA. — Oh ! Não hei de precisar, graças a Deus !

PINHEIRO. — Homem, quem sabe ? O mundo dá tantas voltas !

PINHEIRO. — Adeus, Pinheiro. (*Sae pela esquerda.*)

PINHEIRO. — Adeus, Gouvêa. (*Só.*) Umas tantas especulações... Bem sei quaes são ellas... Pois olha, meu figurão, não te desejo nenhum mal, mas conto que ainda has de vir buscar estes dez mil réis, que ficam de promptidão.

O GERENTE, *entrando.* — Deseja alguma coisa ?

PINHEIRO. — Sim, senhor, falar a um hospede... Eu sei onde é, não se incommode. (*Sobe a escada e desaparece.*)

O GERENTE, *só.* — E lá vae sem dar mais cavaco ! Esta gente ha de custar-lhe habituar-se a um hotel de primeira ordem como é o Grande Hotel da Capital Federal !

SCENA VIII

O GERENTE, EUSEBIO, FORTUNATA, QUINOTA, BEMVINDA, JUQUINHA, DOUS CARREGADORES DA ESTRADA DE FERRO com malas, depois O CHASSÉUR, CRIADOS E CRIADAS.

(A familia traz maletas, trouxas, embrulhos, etc.)

O GERENTE. — Olá ! temos hospedes ! *(Chamando.)* Chasseur ! vá chamar gente ! *(O chasseur apparece e desaparece, e pouco depois volta com alguns criados e criadas.)*

EUSEBIO, *entrando á frente da familia, fechando uma enorme carteira.* — Ave Maria ! Trinta mi rés p'ra nos trazê da estação da estrada de ferro até aqui ! Esta gente pensa que dinheiro se cava ! *(Aperta a mão ao gerente. O resto da familia imita-o, apertando tambem a mão ao chasseur e á criadagem.)* Deus Nosso Sinhô esteje nesta casa !... *(Vae pagar aos carregadores, que saem.)*

FORTUNATA. — E' um casão !

QUINOTA. — Um palacio !

JUQUINHA. — Eu tou com fome ! Quero jantá !

BEMVINDA. — Espera, nhô Juquinha !

FORTUNATA. — Menino, não começa a reiná !

O GERENTE. — Desejam quartos ?

EUSEBIO. — Sim, sinhô... Mas antes disso deixe le dizê quem sou.

O GERENTE. — Não é preciso. O seu nome será inscripto no registro dos hospedes.

EUSEBIO. — Pois sim, sinhô, mas ouça...

Coplas-lundú

EUSEBIO.

I

Sinhô, eu sou fazendeiro
Em São João do Sabará,
E venho ao Ri' de Janeiro
De coisas grave tratá.

Ora aqui está!
Tarvez leve um anno inteiro
Na capitá federá!

CORO.

Ora aqui está! etc.

EUSEBIO.

II

Appareceu um janota
Em São João do Sabará;
Pedi a mão de Quinota
E vei' se embora p'ra cá.

Ora aqui está!
Hei de achá esse janota
Na capitá federá!

CORO.

Ora aqui está! etc.

Esta é minha muié, dona Fortunata.

FORTUNATA. — Uma sua serva. (*Faz uma mesura.*)

O GERENTE. — Folgo de conhecê-la, minha senhora. E esta moça? é sua filha?...

EUSEBIO. — Nossa.

FORTUNATA. — Nome della é Quinota... Joquina... mas a gente chama ella de Quinota.

QUINOTA. — Cala a boca, mamãe. O senhor não perguntou nada.

EUSEBIO. — E' muito estruida. Teve tres professô... Este é meu filho... (*Procurando Juquinha.*) Onde está elle? Juquinha! (*Vae*

buscar pela mão o filho, que traquinava ao fundo.)
Ta qui elle. Tem cabeça,—qué vê? Diz um verso, Juquinha!

JUQUINHA. — Ora, papae!

FORTUNATA. — Diz um verso, menino! Não ouve teu pae tá mandando?

JUQUINHA. — Ora, mamãe!

QUINOTA. — Diz o verso, Juquinha! Você parece tolo!...

JUQUINHA. — Não digo!

BEMVINDA. — Nhô Juquinha, diga aquelle de lá vem a lua sabindo!

JUQUINHA. — Eu não sei verso!

FORTUNATA. — Diz o verso, diabo! (*Dá-lhe um beliscão. Juquinha faz grande berreiro.*)

EUSEBIO, *tomando o filho e acariciando-o.* — Tá bom! não chora! não chora! (*Ao gerente.*) Tá muito cheio de vontade... Ah! mas eu hei de endireitá elle!

O GERENTE. — Não será melhor subirem para os seus quartos?

EUSEBIO. — Sim, sinhô. (*Examinando em volta de si.*) O hotesinho parece bem bão.

O GERENTE. — O hotelsinho? Um hotel que seria de primeira ordem em qualquer parte do mundo! O Grande Hotel da Capital Federal!

FORTUNATA. — E diz que é só de familia.

O GERENTE. — Ah! por esse lado podem ficar tranquillos.

SCENA IX

Os mesmos, FIGUEIREDO.

(*Figueiredo volta; examina os circumstantes, e mostra-se impressionado por Bemvinda, que repara nelle.*)

O GERENTE, *aos criados*. — Acompanhem estas senhoras e estes senhores... para escolhere[m] os seus quartos á vontade. (*Vae sahindo e passa por perto de Figueiredo.*)

FIGUEIREDO, *baixinho*. — Que boa mulata, seu Lopes ! (*O gerente sae.*)

OS CRIADOS E CRIADAS, *tomando as malas e embrulhos*. — Façam favor ! .. Venham !... Subam !...

EUSEBIO, *perto da escada*. — Suba, dona Fortunata ! Sobe, Quinota ! Sobe, Juquinha ! (*Todos sobem.*) Vamo ! (*Sobe tambem.*) Sobe, Bemvinda !

(*Quando Bemvinda vae subindo, Figueiredo dá-lhe um pequeno beliscão no braço.*)

FIGUEIREDO. — Adeus, gostosura !

BEMVINDA. — Ah ! seu assanhado ! (*Sobe.*)

O GERENTE, *que entrou e viu*. — Então que é isso, Sr. Figueiredo ? Olhe que está no Grande Hotel da Capital Federal !

FIGUEIREDO: — Ah ! seu Lopes, aquella hei de eu lançal-a ! (*Sobe a escada.*)

O GERENTE, *só*. — Queira Deus não vás arranjar uma carga de páo do fazendeiro ! (*Sae. Mutação.*)

QUADRO II

Corredor. Na paredé uma mão pintada, apontando para este letreiro : «Agencia de alugar casas. Preço de cada indicação, 5\$000, pagos adiantados». Ao fundo um banco, encostado á parede.

SCENA PRIMEIRA

VICTIMAS, entrando furiosas da esquerda,
depois MOTTA, FIGUEIREDO.

Coro

Que ladroeira !
Que maroteira !
Que bandalheira !
Pasmado estou !
Viu toda a gente
Que o tal agente
Cynicamente
Nos enganou !

MOTTA, *entrando da esquerda tambem muito zangado.* — Cinco mil réis deitados fóra !... Cinco mil réis roubados !... Mas deixem estar que... (*Vae sahindo e encontra-se com Figueiredo, que entra da direita.*)

FIGUEIREDO. — Que é isto, seu Motta ? Vae furioso !...

MOTTA. — Se lhe parece que não tenho razão ! Esta agencia indica onde ha casas vasias por cinco mil réis...

FIGUEIREDO. — Casas por cinco mil réis ? Barata feira !

MOTTA. — Perdão ; indica por cinco mil réis...

FIGUEIREDO, *sorrindo.* — Bem sei, e é isso justamente o que aqui me traz. Resolvi deixar o Grande Hotel da Capital Federal e montar casa. Esgotei todos os meios para obter com que naquelle sumptuoso estabelecimento me levassem o café ao quarto ás sete horas em ponto. Como não estou para me zangar todas as manhãs, mudo-me. O diabo é que não acho casa que me sirva. Dizem-me que nesta agencia...

MOTTA. — Volte, seu Figueiredo, volte, se não quer que lhe aconteça o mesmo que me succedeu e tem succedido a muita gente ! Indicaram-me uma casa no morro do Pinto, com todas as accomodações que eu desejava... Você sabe o que é subir ao morro do Pinto ?

FIGUEIREDO. — Sei, já lá subi uma noite por causa de uma trigueira.

MOTTA. — Pois eu subi ao morro do Pinto e encontrei a casa occupada.

FIGUEIREDO. — Foi justamente o que me aconteceu com a trigueira.

MOTTA. — Volto aqui, faço ver que a indicação de nada me serviu, e peço que me restituam os meus ricos cinco mil réis. Respondem-me que a agencia nada me restitue, porque não tem culpa de que a casa se tivesse alugado !

FIGUEIREDO. — E não lhe deram outra indicação ?

MOTTA. — Deram. Cá está. (*Tira um papel.*)

FIGUEIREDO, *aparte*. — Vou aproveitá-la !

MOTTA. — Mas provavelmente vale tanto como a outra !

FIGUEIREDO, *depois de ler*. — Oh !

MOTTA. — Que é ?

FIGUEIREDO. — Esta agora não é má ! Rua dos Arcos n. 100. Indicaram a casa da Minervina !

MOTTA. — Que Minervina ?

FIGUEIREDO. — Uma trigueira.

MOTTA. — A do morro do Pinto ?

FIGUEIREDO. — Não. Outra. Outra que eu lancei ha quatro annos. Mudou-se para a rua dos Arcos não ha oito dias.

MOTTA. — Então ? Quando lhe digo !

FIGUEIREDO. — Oh ! as trigueiras têm sido o meu tormento !

MOTTA. — As trigueiras são...

FIGUEIREDO. — As mulatas. Eu digo trigueiras por ser menos rebarbativo... Ainda agora está lá no hotel uma familia de Minas, que trouxe consigo uma mucama... Ah, seu Motta !...

MOTTA. — Pois atire-se !

FIGUEIREDO. — Não tenho feito outra coisa, mas não me tem sido possível encontral-a a geito. Só hoje consegui metter-lhe uma cartinha na mão, pedindo-lhe que vá ter comigo ao largo da Carioca. Quero lançal-a !...

MOTTA. — Mas vamos embora ! Estamos numa caverna !

FIGUEIREDO. — E é tudo assim no Rio de Janeiro ! Não temos nada, nada, nada, nada ! Vamos !

SCENA II

Os mesmos, UMA SENHORA, depois UM PROPRIETARIO.

A SENHORA, *vindo da esquerda*. — Um desaforo ! Uma pouca vergonha !...

MOTTA. — Foi tambem victima, minha senhora ?

A SENHORA. — Roubaram-me cinco mil réis !

FIGUEIREDO. — Tambem — justiça se lhes faça — elles nunca roubam mais do que isso !

A SENHORA. — Indicaram-me uma casa... Vou lá, e encontro um typo que me pergunta se quero um quarto mobiliado ! Vou queixar-me...

MOTTA. — Ao bispo, minha senhora ! Queixemo-nos todos ao bispo !... (*O proprietario en-*

tra e vai atravessando a scena da direita para a esquerda, cumprimentando as pessoas presentes.)

FIGUEIREDO, *embargando-lhe a passagem.* — Não va lá, não va lá, meu caro senhor ! Olhe que lhe roubam cinco mil réis !...

O PROPRIETARIO. — Nada ! Eu não pretendo casa. O que eu quero é alugar a minha.

OS TRES. — Ah ! (*Cercam-no.*)

A SENHORA. — Talvez não seja preciso ir á agencia. Eu procuro uma casa.

MOTTA. — E eu.

FIGUEIREDO. — E eu tambem.

A SENHORA. — A sua onde é ?

O PROPRIETARIO. — Se querem a indicação, venham cinco mil réis de cada um !...

OS TRES. — Heim ?

O PROPRIETARIO. — Ora essa ? Porque é que a agencia ha de cobrar e eu não ?

MOTTA. — A agencia paga impostos e é, apesar dos pezares, um estabelecimento legalmente autorizado.

O PROPRIETARIO. — Bem ; como eu não sou um estabelecimento legalmente autorizado, dou a indicação por tres mil réis.

MOTTA. — Guarde-a !

FIGUEIREDO—Dispenso-a !

A SENHORA. — Aqui tem os tres mil réis. A necessidade é tão grande, que me submetto a todas as patifarias !

O PROPRIETARIO, *calmo.* — Patifaria é forte, mas como a senhora paga... (*Guarda o dinheiro.*)

A SENHORA. — Vamos !

O PROPRIETARIO. — A minha casa é na Praia Formosa.

MOTTA E FIGUEIREDO. — Que horror !...

O PROPRIETARIO. — Um sobrado com tres

janellas de peitoril. Os baixos estão occupados por um açogue.

MOTTA E FIGUEIREDO. — Chi !...

A SENHORA. — Deve haver muito mosquito !

O PROPRIETARIO. — Mosquitos ha em toda a parte. Sala, tres quartos, sala de jantar, dispensa, cosinha, latrina na cosinha, agua, gaz, quintal, tanque de lavar e gallinheiro.

A SENHORA. — Não tem banheiro ?

O PROPRIETARIO. — Terá, se o inquillino o fizer. A casa foi pintada e forrada ha dez annos ; está muito suja. Aluguel, duzentos e cincoenta mil réis por mez. Carta de fiança passada por negociante matriculado, trezentos mil réis de posse e contracto por tres annos. O imposto predial e de penna d'agua é pago pelo inquillino.

A SENHORA. — Com os tres mil réis que me surripiou, compre uma corda e enforque-se !
(*Sae*).

FIGUEIREDO, *emquanto ella passa*. — Muito bem respondido, minha senhora !

MOTTA. — Com effeito !

O PROPRIETARIO. — Mas os senhores...

FIGUEIREDO, *tirando um apito do bolso*. — Se diz mais uma palavra, apito para chamar a policia !

O PROPRIETARIO. — Ora vá se catar !... (*Vae sahindo*).

FIGUEIREDO. — Que é ? que é... (*Segue-o.*)

O PROPRIETARIO. — Largue-me !

FIGUEIREDO. — Este typo merecia uma lição !
(*Empurrando-o.*) Vamos embora ! Deixal-o !...

MOTTA. — Vamos !

O PROPRIETARIO, *voltando e avançando para elles*. — Mas eu...

OS DOUS. — Heim? (*Atiram-se ao proprietario, que foge, desapparecendo pela esquerda. Motta e Figueiredo encolhem os hombros e sahem pela direita, encontrando-se á porta com Eusebio, que entra. O proprietario volta e, enganado, dá com o guarda-chuva em Eusebio, e foge. Eusebio tira o casaco para perseguil-o.*)

SCENA III

EUZEBIO, só, depois, FORTUNATA, QUINOTA,
JUCA, BEMVINDA.

EUZEBIO. — Tratante! Se eu te agarro, tu havia de vê o que é purso de mineiro!... Que terra esta, minha Nossa Senhora, que terra esta em que um home apanha sem sabê porque?... — Mas onde ficou esta gente?—Aquella dona Fortunata não presta p'ra subi escada!.. (*Indo á porta da direita.*) Entra! E' aqui! (*Entra a familia.*)

FORTUNATA, *entrando apoiada no braço de Quinota.* — Deixe-me arrespirá um bocadinho! Virge Maria! quanta escada!

EUZEBIO. — E ainda é no outro andá! Olhe! (*Apona para o letreiro.*)

JUCA, *vendo Eusebio a vestir o casaco.* — Mãe, papae se despiu!

AS TRES. — E' verdade!

EUZEBIO. — Tirei o casaco p'ra brigá! Não foi nada.

FORTUNATA. — Não posso mais co'esta historia de casa!

QUINOTA. — E' um inferno!

BEMVINDA. — Uma desgraça!

EUZEBIO. — Paciencia. Nós não podemos ficá naquelle hote... Aquillo é luxo de mais e custa

os óio da cara ! Como temo que ficá algum tempo na capitá federá, o mió é precurá uma casa. A gente compra uns traste e alguma louça... Bemvinda vae p'r'a cosinha...

BEMVINDA, *aparte*.—Pois sim !

EUSEBIO.—E Quinota trata dos arranjo da casa.

QUINOTA.—Mas a coisa é que não se arranja casa.

EUSEBIO.—Desta vez tenho esperança de arranjá. Diz que esta agencia é munto séria. Vamo !

FORTUNATA. — Eu não subo mais escada ! Espero aqui no corredô.

EUSEBIO.—Tudo fica ! Eu vou e vorto. (*Vae sahindo.*)

JUCA, *chorando e batendo o pé*.— Eu quero i com papae ! eu quero i com papae !...

FORTUNATA.—Pois vae, diabo ! ..

EUSEBIO.—Vem ! vem ! não chora ! Dá cá a mão ! (*Sae com o filho pela esquerda.*)

SCENA IV

FORTUNATA, QUINOTA, BEMVINDA.

QUINOTA.—Mamãe, porque não se senta naquelle banco ?

FORTUNATA.—Ah ! é verdade ! não tinha arreparado. Estou moida ! (*Senta-se e fecha os olhos.*)

BEMVINDA.—Sinhá vae dromi.

QUINOTA.—Deixa.

BEMVINDA, *em tom confidencial*.—O' nhã-nhã ?

QUINOTA.—Que é ?

BEMVINDA.—Nhãnhã arreparou naquelle

home que ia descendo p'ra baixo quando a gente vinha subindo p'ra cima ?

QUINOTA.—Não. Que homem ?

BEMVINDA.—Aquelle que mora lá no hote em que a gente mora...

QUINOTA.—Olha mamãe ! (*D. Fortunata resona*).

BEMVINDA. — Já está dromindo. Nhã-nhã arreparou ?

QUINOTA.—Reparei, sim.

BEMVINDA.—Sabe o que elle fez hoje de manhã ? Me metteu esta carta na mão !

QUINOTA. — Uma carta ? E tu ficaste com ella ? Ah ! Bemvinda ! (*Pausa.*) E' para mim ?

BEMVINDA.—P'ra quem havéra de sê ?

QUINOTA.— Não está sobrescriptada.

BEMVINDA, *aparte, enquanto Quinota se certifica de que Fortunata dorme.*—Bem sei que a carta é minha... O que eu quero é que ella leia p'ra eu ouvi.

QUINOTA. — Dá cá. (*Toma a carta e vae abril-a, mas arrepende-se.*) Que asneira ia eu fazendo !

Duettino

QUINOTA.

Eu gosto de seu Gouveia ;
Com elle quero casar ;
O meu coração aneia
Pertinho delle pulsar ;
Portanto a epistola
Não posso abrir !
Serios escrupulos
Devo sentir !

BEMVINDA.

Está longe seu Gouveia ;
Aqui agora não vem...
Abra a carta, a carta leia...
Não digo nada a ninguem !

QUINOTA.

Não ! não ! a epistola
Não posso abrir !
Serios escrupulos
Devo sentir !
Entretanto, é verdade
Que tenho tal ou qual curiosidade .
Mamãe—eu tremo !—
Dormindo está ?

BEMVINDA.

Sim, e ella memo
Respondeu já.

(*Fortunata tem resonnado.*)

QUINOTA.

E' feio,
Mas que importa ? Abro e leio !

(*Abre a carta.*)

JUNTAS.

QUINOTA.

Eu sou curiosa !
Não sei me conter !
A carta amorosa
Depressa vou ler !

BEMVINDA.

E' bem curiosa !
Não ha que dizê !
A carta amorosa
Depressa vae lê !...

QUINOTA, *lendo a carta.* — “Minha bella mulata...”

AMBAS. — Uê !...

QUINOTA, *lendo.* — “Minha bella mulata. Desde que estás morando neste hotel, tenho debalde procurado falar-te. Tu não passas de uma simples mucama...” (*Dá a carta a Bemvinda.*) A carta é para ti. (*Aparte.*) Fui bem castigada.

BEMVINDA. — Leia p'ra eu ouvi, Nhã-nhã.

QUINOTA, *lendo.* — Se queres ter uma posição independente e uma casa tua...»

BEMVINDA. — Gentes !

QUINOTA. — «...deixa o hotel, e vae ter com-migo terça-feira, ás quatro horas da tarde, no largo da Carioca, ao pé da charutaria do Machado.

BEMVINDA, *aparte*. — Terça-feira... quatro hora...

QUINOTA. — «Nada te faltará. Eu chamo-me — Figueiredo.»

BEMVINDA. — Rasga essa carta, nhã-nhã ! Veja só que semvergonhice de home !

QUINOTA, *rasgando a carta*. — Se papae soubesse...

BEMVINDA, *aparte*. — Figueiredo...

SCENA V

As mesmas, EUZEBIO, JUQUINHA

EUSEBIO. — Já tenho uma indicação !

D. FORTUNATA, *despertando*. — Ah ! quasi pégo no somno ! (*Erguendo-se.*) Já temo casa ?

EUSEBIO. — Parece. O dono d'ella é o home com quem eu briguei indagorinha. Tinha me tomado por outro. Vamo á praia Ferosa p'ra vê se a casa serve.

D. FORTUNATA. — Ora graça !

BEMVINDA, *aparte*. — Perto da charutaria.

EUSEBIO, *que ouviu*. — Não sei se é perto da charutaria, mas diz que o logá é aprasive, a casa munto boa... Fica pro cima de um açougue, o que qué dizê que nunca fartará carne ! Vamo !

QUINOTA. — E' muito longe ?

EUSEBIO. — E' ; mas a gente vae no bonde...

BEMVINDA, *aparte*. — Largo da Carioca...

EUSEBIO, *que ouviu*. — Que largo da Carioca ! E' os bondinho da rua Direita ! Vamo !

JUQUINHA. — Eu quero i co Bemvinda !

FORTUNATA. — Vae ! vae co Bemvinda !
E' perciso munta paciencia para aturá este de-
monio deste menino ! (*Saem todos.*)

BEMVINDA, *sahindo por ultimo, com Juquinha
pela mão.* — Terça-feira... quatro hora..., Fi-
gueiredo...

SCENA VI

O PROPRIETARIO, *vindo da esquerda.* —
Queira Deus que o mineiro fique com a casa...
mas não lhe dou dous mezes para apanhar
uma febre palustre ! (*Sae pela direita. Muta-
ção.*)

QUADRO III

O largo da Carioca. Muitas pessoas estão á espera
de bonde. Outras passeiam.

SCENA PRIMEIRA

FIGUEIREDO, RODRIGUES, PESSOAS DO POVO.

C O R O .

A' espera do bonde electrico
Estamos ha meia hora !
Tão desusada demora
Não sabemos explicar !
Talvez haja algum obstaculo,
Algum descarrilamento,
Que assim possa o impedimento
Da linha determinar !

(*Figueiredo e Rodrigues vem ao proscenio.
Rodrigues está carregado de pequenos embrulhos.*)

RODRIGUES. — Que estopada, hein ?

FIGUEIREDO. — E' tudo assim no Rio de
Janeiro ! Este serviço de bondes é terrivel-

mente mal feito ! Não temos nada, nada, absolutamente nada !

RODRIGUES.—Que diabo ! Não sejamos tão exigentes ! Esta companhia não serve mal. Não é por culpa della esse atrazo. Alli na estação me disseram. Na rua do Passeio está uma fila de bondes parados diante de um enorme caminhão, que levava uma machina descommunal não sei para onde, e quebrou as rodas. E' ter um pouco de paciencia.

FIGUEIREDO.—Eu felizmente não estou á espera de bonde, mas de coisa melhor. (*Consultando o relógio*). Estamos na hora.

RODRIGUES.—Ah ! seu maganão... alguma mulher... Você nunca ha de tomar juizo !

FIGUEIREDO.—Uma trigueira... uma deliciosa trigueira !

RODRIGUES.—Continúa então a ser um grande apreciador de mulatas ?

FIGUEIREDO.—Continúo, mas eu digo trigueiras por ser menos rebarbativo.

RODRIGUES.—Pois eu cá sou o homem da familia, porque entendo que a familia é a pedra angular de uma sociedade bem organizada.

FIGUEIREDO.—Bonito !

RODRIGUES.—Reprovo incondicionalmente esses amores escandalosos, que offendem a moral e os bons costumes.

FIGUEIREDO.—Ora não amole ! Eu sou solteiro... não tenho que dar satisfações a ninguém.

RODRIGUES.—Pois eu sou casado, e todos os dias agradeço a Deus a santa esposa e os adoraveis filhinhos que me deu ! Vivo exclusivamente para a familia. Veja como vou para

casa cheio de embrulhos ! E é isto todos os dias ! Vão aqui empadinhas, doces, queijo, chocolate Andaluza, sorvetes de viagem, o diabo !... Tudo gulodices !...

FIGUEIREDO, *que, preocupado, não lhe tem prestado grande attençãc.* — Não imagina você como estou impaciente ! E' curioso ! Não varia aos quarenta annos esta sensação exquisita de esperar uma mulher pela primeira vez ! Note-se que não tenho certeza de que ella venha, mas sinto uns formigueiros subirem-me pelas pernas ! (*Vendo Bemvinda.*) Oh ! diabo ! não me engano ! Afaste-se, afaste-se, que lá vem ella !...

RODRIGUES.—Seja feliz. Para mim não ha nada como a familia. (*Afasta-se e fica observando de longe.*)

SCENA II

Os mesmos, BEMVINDA.

BEMVINDA, *approximando-se, com uma pequena trouxa na mão.*—Aqui estou.

FIGUEIREDO, *disfarçando, a olhar para o céo.* — Disfarça, meu bêm. (*Pausa.*) Estás prompta a acompanhar-me ?

BEMVINDA, *disfarçando e olhando tambem para o céo.* — Sim, sinhô, mas eu quero sabê se é verdade o que o sinhô disse na sua carta...

FIGUEIREDO, *disfarçando por ver um conhecido que passa e o comprimenta.* — Como passam todos lá por casa ? As senhoras estão boas ?

BEMVINDA, *comprehendendo.* — Boas, muito obrigado... Sinhá Miloca é que tem andado com enxaqueca.

FIGUEIREDO, *aparte*. — Fala mal, mas é inteligente.

BEMVINDA. — O sinhô me dá mesmo casa p'ra mim morá?

FIGUEIREDO. — Uma casa muito chic, muito bem mobiliada, e uns vestidos muitos bonitos. (*Passa outro conhecido. O mesmo jogo de scena.*) Mas porque esta demora com a minha roupa lavada?

BEMVINDA. — E' porque choveu munto... não se poude corá... (*Outro tom.*) Não me fartará nada?

FIGUEIREDO. — Nada! não te faltará nada! Mas aqui não podemos ficar. Passa muita gente conhecida, e eu não quero que me vejam contigo enquanto não tiveres outra encadernação. Acompanha-me, e toma o mesmo bonde que eu. (*Vae se afastando pela direita e Bemvinda tambem.*) Espera um pouco, para não darmos na vista. (*Passa um conhecido.*) Adeus, heim? lembranças á baroneza.

BEMVINDA. — Sim, sinhô, farei presente. (*Figueiredo afasta-se, disfarçando, e desapparece pela direita. Durante a fala que se segue, Rodrigues a pouco a pouco se aproxima de Bemvinda.*) Ora! isto sempre deve sê mió que aquella vida enjoada lá da roça! Ah! seu Borge! seu Borge! Você abusou porque era feitô lá da fazenda; fez o que fez e me prometeu casamento... Mas casará ou não? Sinhá e nhã-nhã ondem ficá damnada... Pois que fique!.. Quero a minha aliberdade! (*Vae afastar-se na direcção que tomou Figueiredo e é abordada pelo Rodrigues, que não a tem perdido de vista um momento.*)

RODRIGUES. — Adeus, mulata!

BEMVINDA.—Viva !

RODRIGUES, *disfarçando*.—Dá-me uma pa-lavrinha ?

BEMVINDA.—Agora não posso.

RODRIGUES.—Olhe, aqui tem o meu cartão... Se precisar de um homem sério... de um ho-mem que é todo familia..

BEMVINDA, *tomando disfarçadamente o cartão*.—Pois sim. (*Sahindo, aparte.*) O que não farta é home... Assim queira uma muié... (*Sae*).

RODRIGUES, *comsigo*. — Sim... lá de vez em quando... para variar... não quero dizer que... (*Outro tom.*) E o maldito bonde que não chega ! (*Afasta-se pela direita e desaparece.*)

SCENA III

LOLA, MERCEDES, BLANCHETTE, DOLORES,
GOUVÊA, PESSOAS DO POVO.

(*As quatro mulheres entram da esquerda, tra-zendo Gouvêa quasi á força.*)

Quintetto

AS MULHERES.

Ande pr'a frente,
Faça favor !
Está filado,
Caro senhor !
Queira ou não queira,
D'aqui não sae !
Janta comnosco !
Comnosco vae !

LOLA.

Ha tantos dias
Tu não me vias,
E agora qu'rias
Deixar-me só !

A tua Lola,
Meu bem, consola !
Dá-me uma esmola !
De mim tem dó !

AS OUTRAS.

Ha tantos dias
Tu não a vias,
E agora qu'rias
Deixa-a só !
A tua Lola,
Meu bem, consola !
Dá-lhe uma esmola !
Tem dó, tem dó !

GOUVEA.

Não me aborreçam !
Não me enfureçam !
Desappareçam !
Quero estar só !
Isto me amola !
Perco esta bola !
Querida Lola,
De mim tem dó !

LOLA.

Ingrato ! já não me queres !
Tu já não gostas de mim !

GOUVEA.

São terriveis as mulheres !
Gosto de ti, gosto, sim !
Mas não serve este logar
Pr'a taes assumptos tratar !

LOLA.

Então d'aqui saiamos !
Vamos !

TODAS.

Vamos !
Ha tantos dias, etc.

LOLA.—Vamos a saber : porque não tens
apparecido ?

GOUVÊA.—Tu bem sabes porque.

LOLA.—A primeira duzia falhou ?

GOUVÊA.— Oh ! não ! Ainda não falhou, graças a Deus, e por isso mesmo é que não a tenho abandonado noite e dia ! Não vês como estou pallido ? como tenho as faces desbotadas e os olhos encovados ? E' porque já não durmo, é porque já me não alimento, é porque não penso noutra coisa que não seja a roleta !

LOLA.—Mas é preciso que descances, que te distraias, que espaireças o espirito. Por isso mesmo exijo que venhas jantar hoje commigo, quero dizer, comnosco, porque, como vês, terei á mesa estas amigas, que tu conheces : a Dolores, a Mercedes e a Blanche.

AS TRES.— Então, Gouvêa ? venha, venha jantar !...

GOUVÊA.—Ja deve ter começado a primeira banca !

LOLA.— Deixa lá a primeira banca ! Tenho um presentimento de que hoje não dá a primeira duzia.

AS TRES.—Então, Gouvêa, então ? (*Querem abraçal-o.*)

GOUVÊA, *esquivando-se.*— Que é isto ? Vocês estão doidas ! Reparem que estamos no largo da Carioca !

LOLA.— Vem ! não te faças rogado !

AS TRES, *implorando.*— Gouvêa !...

GOUVÊA.— Pois sim, vamos lá ! Vocês são o diabo !

LOLA.— Ai ! e o meu leque ? ! Trouxeste-o, Dolores ?

DOLORES.— Não.

BLANCHE.— Nem eu.

MERCEDES.— Tu deixaste-o ficar sobre a mesa, no Braço de Ouro.

GOUVÊA.— Que foi ?

LOLA.— Um magnifico leque, comprado, não ha uma hora, no Palais-Royal. Querem ver que o perdi ?

GOUVÊA.— Se queres, vou procural-o ao Braço de Ouro.

LOLA.— Pois sim, faze-me esse favor. (*Ar-rependendo-se.*) Não ! se tu vaes á rua do Ouvidor, és capaz de encontrar lá algum amigo que te leve para o jogo.

MERCEDES.— E esta é a hora do recrutamento.

LOLA.— Vamos nós mesmos buscar o leque. Fica tu aqui muito quietinho á nossa espera. E' um instante.

GOUVÊA.— Pois vão e voltem.

LOLA.— Vamos ! (*Sae com as tres amigas.*)

SCENA IV

GOUVÊA, depois EUSEBIO, FORTUNATA,
QUINOTA E JUQUINHA.

GOUVÊA.— Com esta não contava eu. D'ahi — quem sabe ? — como ando em maré de felicidade, talvez seja uma providencia lá não ir hoje. (*Eusebio entra descuidado acompanhado pela familia, e, ao ver Gouvêa, solta um grande grito.*)

EUSEBIO. — Oh ! seu Gouvêa ! (*Chamando.*)
Dona Fortunata !... Quinota !... (*Cercam Gouvêa.*)

AS SENHORAS E JUQUINHA.— Oh ! seu Gouvêa ! (*Apertam-lhe a mão.*)

EUSEBIO.— Seu Gouvêa ! (*Abrança-o.*)

GOUVÊA, *atrapalhado.*— Sr. Eusebio... Minha senhora... Dona Quinota... (*Aparte.*) Maldito encontro !...

Quartetto

EUSEBIO, FORTUNATA, QUINOTA E JUQUINHA.

Seu Gouvêa, finalmente,
Seu Gouvêa appareceu !
Seu Gouvêa está presente !
Seu Gouvêa não morreu !

EUSEBIO.

Andei por todas as rua,
Toda a cidade bati ;
Mas de tê noticias sua
As esperança perdi !

QUINOTA.

Mas ao meu anjo da guarda
Em sonhos dizer ouvi :
Socega, que elle não tarda
A apparecer por ahi !

TODOS.

Seu Gouvêa, finalmente, etc.

FORTUNATA.— Ora, seu Gouvêa ! o sinhó chegou lá na fazenda feito cometa, e começou a namorá Quinota. Pediu ella em casamento, veio se embora dizendo que vinha tratá dos papé, e nunca mais deu siná de si ! Isto se faz, seu Gouvêa ?

QUINOTA.— Mamãe...

EUSEBIO.— Como Quinota andava apaixonada, coitadinha ! que não comia, nem bebia, nem dromia, nem nada, nós arresorvemo vi le procurá... porque le escrevi tres carta que ficou sem resposta...

GOUVÊA.— Não recebi nenhuma.

EUSEBIO.— Então entreguei a fazenda a seu Borge, que é home em que a gente póde confiá, e aqui estemo !

FORTUNATA.— O sinhó sabe que com moça de familia não se brinca... Se seu Eusebio não soubé sê pae, aqui estou eu que hei de sabê sê mãe !

QUINOTA. — Mamãe, tenha calma... seu Gouvêa é um moço serio...

GOUVÊA. — Obrigado, dona Quinota. Sou, realmente, um moço serio, e hei de justificar plenamente o meu silencio. Espero ser perdoado.

QUINOTA. — Eu ha muito tempo lhe percoei.

GOUVÊA, *aparte* — Está ainda muito bonita !
(*Alto*). Onde moram ?

EUSEBIO. — No Grande Hoté da Capitá Federa.

GOUVÊA, *aparte*. — Oh ! diabo ! no meu hotel !... Mas eu nunca os vi !

QUINOTA. — Mas andamos á procura de casa: não podemos ficar ali.

FORTUNATA. — E' muito caro.

GOUVÊA. — Sim, aquillo não convem.

EUSEBIO. — Mas é muito deffice achá casa. Uma agencia nos indicou uma, na praia Formosa...

FORTUNATA. — Que chiqueiro, seu Gouvêa !

EUSEBIO. — Paguemo cinco mi réis p'ra nos enchê de purga !

QUINOTA. — E era muito longe.

GOUVÊA. — Descancem, ha de se arranjar casa. (*Aparte*.) E a Lola que não tarda !

EUSEBIO. — Como diz ?

GOUVÊA. — Nada... Mas, ao que vejo, veio toda a familia ?

EUSEBIO. — Toda ! — Dona Fortunata... Quinota... o Juquinha...

JUQUINHA. — A Bemvinda.

EUSEBIO. — Ah ! é verdade ! nos aconteceu uma desgraça !

FORTUNATA. — Uma grande desgraça !

GOUVÊA. — Que foi ? Ah ! ja sei... o senhor foi victima do conto do vigario !

EUSEBIO — Eu ? !... Então eu sou algum matuto ?.. Não sinhô, não foi isso.

JUQUINHA. — Foi a Bemvinda que fugiu !

QUINOTA. — Cala a bocca !

JUQUINHA. — Fugio c'um home !

EUSEBIO. — Cala a boca, menino !

JUQUINHA. -- Foi Quinota que disse !

FORTUNATA. -- Cala a boca, diabo !

EUSEBIO. — O sinhô se alembra da Bemvinda ?

FORTUNATA. — Aquella mulatinha ? cria da fazenda ?

GOUVÊA. — Lembra-me.

EUSEBIO. — Hoje de menhan, a gente se acorda-se... procura...

FORTUNATA. — Qué dé Bemvinda ?

GOUVÊA. — Póde ser que ainda a encontrem.

FORTUNATA. — Mas em que estado, seu Gouvêa !

EUSEBIO. — E seu Borge já estava arresorvido a casá com ella... Mas não fiquemo aqui...

GOUVÊA, *inquieta*. — Sim, não fiquemos aqui.

EUSEBIO. — Temo muito que conversá, seu Gouvêa. Não quero que dona Fortunata diga que eu não sei sê pae... Quero sabê se o sinhô está ou não está disposto a cumpri o que tratou !

GOUVÊA. — Certamente. Se dona Quinota ainda gosta de mim...

QUINOTA, *baixando os olhos*. — Eu gósto.

GOUVÊA. — Mas vamos ! Em caminho conversaremos. São contos largos !

EUSEBIO. — Vamo jantá lá no hoté.

GOUVÊA.— No hotel? Não! A linha está interrompida. (*Aparte.*) Era o que faltava! Ella lá iria! (*Alto.*) Vamos ao Internacional.

EUSEBIO.— Onde é isso?

GOUVÊA.— Em Santa Thereza. Toma-se aqui o bonde electrico.

FORTUNATA.— O tá que vae pro cima do arco?

GOUVÊA.— Sim, senhora.

FORTUNATA.— Chi!

GOUVÊA.— Não ha perigo. Mas vamos! Vamos! (*Dá o braço a Quinota.*)

FORTUNATA, *querendo separal-os.*— Mas...

EUSEBIO.— Deixe. Isto aqui é moda. A senhora se alembre que não estemo em S. João do Sabará.

JUQUINHA.— Eu quero i co Quinota!

FORTUNATA.— Principia! principia! Que menino, minha Nossa Senhora!

GOUVÊA, *vendo Lola.*— Ella! Vamos! Vamos! (*Retira-se precipitadamente.*)

EUSEBIO.— Espere ahi, seu Gouvêa! Ande, dona Fortunata!

JUQUINHA, *chorando.*— Eu quero i co Quinota! (*Saem todos a correr pela direita.*)

SCENA V

LOLA, MERCEDES, DOLORES, BLANCHETTE,
RODRIGUES, PESSÔAS DO POVO

LOLA.— Então? O Gouvêa? Não lhes disse? Bem me arrependi de o ter deixado ficar! Não teve mão em si e lá se foi para o jogo!

MERCEDES.— Que tratante!

DOLORES.— Que maleriado!

BLANCHETTE.—Que grosseirão !

LOLA.—E nada de bondes !

MERCEDES —Que fizeste do teu carro ?

LOLA.—Pois não te disse já que o meu cocheiro, o Lourenço, amanheceu hoje com uma pontinha de dor de cabeça ?

BANCHETTE, *maliciosa*. — Poupas muito o teu cocheiro.

LOLA.—Coitado ! é tão bom rapaz ! (*Vendo Rodrigues que se tem aproximado aos poucos.*) Olá ! como vae você ?

RODRIGUES, *disfarçando*.— Vou indo, vou indo... Mas que bonito ramilhete franco-hespanhol ! A Dolores... a Mercedes... a Blanchette... Viva la gracia !

LOLA, *às outras*.—Uma idéa, uma fantasia: vamos levar este typo para jantar comnosco ?

AS OUTRAS.—Vamos ! vamos !...

BLANCHETTE.— Substituirá o Gouvêa ! Bravo !

LOLA, *a Rodrigues*.—Você faz-nos um favor ? Venha jantar com o ramilhete franco-hespanhol !

RODRIGUES.—Eu ? ! Não posso, filha : tenho a familia á minha espera.

LOLA.—Manda-se um portador á casa com esses embrulhos.

MERCEDES.—Os embrulhos ficam, se é coisa que se coma.

RODRIGUES.— Vocês estão me tentando, seus demonios !

LOLA.—Vamos ! anda ! um dia não são dias !

RODRIGUES.—Eu sou um chefe de familia !

TODAS.—Não faz mal !

RODRIGUES.—Ora adeus ! Vamos ! (*Olhando para a esquerda*). Ali está um carro. O proprio

cocheiro levará depois um recado á minha santa esposa... disfarçemos... Vou alugar o carro. (*Sae.*)

TODAS.—Vamos! (*Acompanham-no.*)

PESSOAS DO POVO.—Lá vem afinal um bonde! Tomemol-o! Avança! (*Correm todos.*) *Musica na orchestra até o fim do acto. Mutaçào.*)

QUADRO IV

A passagem de um bonde electrico sobre os arcos. Vão dentro do bonde, entre outros passageiros, Eusebio, Gouvêa, D. Fortunata, Quinota e Juquinha. Ao passar o bonde em frente ao publico, Eusebio levanta-se entusiasmado pela belleza do panorama.

EUSEBIO.—Oh! a capitá federá! a capitá federá!....

ACTO SEGUNDO

QUADRO V

O largo de S. Francisco

SCENA PRIMEIRA

BEMVINDA, PESSOAS DO POVO, depois
FIGUEIREDO

(Bemvinda está exageradamente vestida á ultima moda e cercada por muitas pessoas do povo, que lhe fazem elogios ironicos.)

CORO.

Ai, Jesus! que mulata bonita!
Como vem tão janota e faceira!
Toda a gente por ella palpita!
Ninguem ha que adoral-a não queira!
Ai, mulata!
Não ha peito que ao ver-te não bata!

BEMVINDA.

Vão andando seu caminho,
Deixe a gente assocegada!

CORO.

Pára ao menos um instantinho!
Não te mostres irritada!

BEMVINDA.

Gentes! meu Deus! que massada!

CORO.

Dize o teu nome, bemsinho!

Coplas

BEMVINDA.

I

Meu nome não digo !
Não quero, aqui está !
Não búlum commigo !
Me dêixim passá !
Jesus ! quem me accode ?
Já vejo que aqui
As moça não póde
Sosinha sahi !
Sae da frente,
Minha gente !
Sae da frente pro favó !
Tenho pressa !
Vou depressa !
Vou p'r'a rua do Ouvidô !

CORO.

Sae da frente,
Minha gente !
Sae da frente por favor !
Vae com pressa !
Vae depressa !
Vae á rua do Ouvidor !

BEMVINDA.

II

Não digo o meu nome !
Não tou de maré !
Diabo dos home
Que insurta as muié !
Quando eu vou sosinha,
Só ouço dizê :
«Vem cá, mulatinha,
Que eu vou com você !»
Sae da frente, etc.

CORO.

Sae da frente, etc.

(Figueiredo apparece e colloca-se ao lado de Bemvinda.)



FIGUEIREDO.

Meus senhores, que é isto ?
Perseguição assim é caso nunca visto !...
Mas saibam que esta fazenda
Tem um braço que a defenda!

BEMVINDA!

Seu Figueiredo,
Eu tava aqui com muito medo !
CORO, *à meia voz.*
Este é o marchante...
Deixal-os, pois, no mesmo instante !
Provavelmente o typo é tolo,
E ha querer armar um rolo !

(A *toda a voz*, *comprimentando ironicamente*
Figueiredo.)

Feliz mortal, parabens
Pelo thesouro que tens !
Ah ! ah ! ah ! ah ! ah ! ah ! ah ! ah !
Mulher mais bella aqui não ha !...

(*Todos se retiram. Durante as scenas que*
seguem, até o fim do quadro, passam pessoas do
povo.)

SCENA II

FIGUEIREDO, BEMVINDA.

FIGUEIREDO, *reprehensivo.* — Ja vejo que ha
de ser muito difficil fazer alguma coisa de ti !
BEMVINDA. — Eu não tenho curpa que
esses diabo...

FIGUEIREDO, *atalhando.* -- Tens culpa, sim !
Em primeiro lugar, essa *toilette* é escandalosa !
Esse chapéo é descommunal !

BEMVINDA. — Foi o sinhô que escolheu
elle !

FIGUEIREDO. -- Escolhi mal ! Depois, tu
abusas do *face-en-main* !

BEMVINDA. — Do... do que ?

FIGUEIREDO. — D'isto, da luneta ! Em francez chama-se *face-en-main*. — Não é preciso estar a todo o instante... (*Faz o gesto de quem leva aos olhos o face-en-main*). Basta que te sirvas disso lá uma vez por outra, e assim, olha, assim, com certo ar de sobranceria. (*Indica.*) E não sorrias a todo o instante, como uma bailarina... A mulher que sorri sem cessar é como o pescador quando atira a rede : os homens vêm aos cordumes, como ainda agora ! — E esse andar ? Porque gingas tanto ? Porque te remexes assim ?

BEMVINDA, *chorosa*. — Oh ! meu Deus ! eu ando bem dereitinha... não olho p'ra ninguém... Esses diabo é que intica commigo. — Vem cá mulatinha ! Meu bem, ouve aqui uma coisa !

FIGUEIREDO. — Pois não respondas ! Vae olhando sempre para a frente ! Não tires os olhos de um ponto fixo, como os acrobatas que andam na corda bamba... Olha, eu te mostro... Faze de conta que eu sou tu, e estou passando... Tu és um gaiato, e me dizes uma gracinha quando eu passar por ti. (*Afasta-se, e passa pela frente de Bemvinda muito sério.*) Vamos ! dize alguma coisa !..

BEMVINDA. — Dizê o que ?

FIGUEIREDO, *aparte*. — Não comprehendeu ! (*Alto.*) Qualquer coisa ! Adeus, meu bem ! Aonde vae com tanta pressa ! Olha o lenço que cahiu !

BEMVINDA. — Ah ! bem !..

FIGUEIREDO. — Vamos outra vez, (*Repete o movimento.*)

BEMVINDA. — Adeus, seu Figueredo.

FIGUEIREDO. — Que Figueiredo ! Eu agora sou Bemvinda ! — E a proposito : hei de arranjar-te um nome de guerra.

BEMVINDA. — De guerra ? Uê !..

FIGUEIREDO. — Sim, um nome de guerra. E' como se diz. *Bemvinda* é nome de preta velha. Mas não se trata agora disso. Vou passar de novo. Não te esqueças de que eu sou tu. Já comprehendeste ?

BEMVINDA. — Já, sim sinhô.

FIGUEIREDO. — Ora muito bem ! Lá vou eu. (*Repete o movimento.*)

BEMVINDA, *emquanto elle passa.* — Ouve uma coisa, mulata ! Vem cá, meu coração !...

FIGUEIREDO, *que tem passado imperturbavel.* — Viste ? Não se dá troco ! Arranja-se um olhar de mãe de familia ! E diante desse olhar, o mais atrevido se desarma ! — Vamos ! anda um bocadinho até ali ! Quero ver se aprendeste alguma coisa !

BEMVINDA. — Sim sinhô. (*Anda.*)

FIGUEIREDO. — Que o que ! Não é nada disso ! Não é preciso fazer projecções do holo-phote para todos os lados ! Assim, olha... (*Anda.*)... um movimento gracioso e quasi imperceptivel dos quadris...

BEMVINDA, *rindo.* --- Que home damnado !

FIGUEIREDO. — E' preciso corrigir tambem o teu modo de falar, mas a seu tempo trataremos d'esse ponto, que é essencial. Por emquanto o melhor que tens a fazer é abrir a bocca o menor numero de vezes possivel, para não dizeres *home* em vez de *homem* e quejandas parvoices... Não ha elegancia sem boa prosodia. — Aonde ias tu ?

BEMVINDA.— Ia na rua do Ouvidô.

FIGUEIREDO, *emendando*. — Ouvidorr... Ouvidorr... Não faças economia nos erres, porque, apesar da carestia geral, elles não augmentaram de preço. E sibilla bem os ss— Assssim... Bom. Vae e até logo! Mas vê lá: nada de olhadelas, nada de respostas! Vae!

BEMVINDA. — Inté logo.

FIGUEIREDO.— Que *inté logo*! Até logo é que é! Olha, em vez de *inté logo*, dize: *Au revoir*! Tem muita graça de vez em quando uma palavra ou uma expressão franceza.

BEMVINDA.— Ó revoá!

FIGUEIREDO.— Antes isso! (*Bemvinda afasta-se.*) Não te mexas tanto, rapariga! Ahi! Ahi! Isso! Agora foi de mais! Ahi! (*Bemvinda desaparece.*) De quantas tenho lançado nenhuma me deu tanto trabalho! Ha de ser difficil coisa lapidar este diamante! E' uma vergonha! Não póde estar ao pé de gente! (*Lola vae atravessando a scena; vendo Figueiredo, encaminha-se para elle.*)

SCENA II

FIGUEIREDO, LOLA.

LOLA.— Oh! estimo encontral-o! Póde dar-me uma palavra?

FIGUEIREDO,— Pois não, minha filha!

LOLA.— Não o comprometto?

FIGUEIREDO.— De fórma alguma! Vocemecê já está lançada!

LOLA.— Como?

FIGUEIREDO.— Vocemecês só envergonham a gente antes de lançadas.

LOLA. — Não entendo.

FIGUEIREDO. — Nem é preciso entender. Que desejava ?

LOLA. — Lembra-se de mim ?

FIGUEIREDO. — Perfeitamente. Encontrámo-nos um dia no vestibulo do Grande Hotel da Capital Federal.

LOLA, *apertando-lhe a mão*. — Nunca mais me esqueci da sua physionomia. O senhor não é bonito... oh ! não ! mas é muito insinuante.

FIGUEIREDO, *modestamente*. — Oh ! filha !...

LOLA. — Lembra-se do motivo que me levava áquelle hotel ?

FIGUEIREDO. — Lembra-me. Vocemecê ia á procura de um moço que apontava na primeira duzia.

LOLA. — Vejo que tem boa memoria. Pois é na sua qualidade de hospede do Grande Hotel da Capital Federal que me atrevo a pedir-lhe uma informação.

FIGUEIREDO. — Mas eu ha muitos dias já lá não moro ! Era um bom hotel, não nego, mas que quer ? — não me levavam o café ao quarto ás 7 horas em ponto ! — Entretanto, se fôr coisa que eu saiba...

LOLA. — Queria apenas que me dêsse noticias do Gouvêa.

FIGUEIREDO. — Do Gouvêa ?

LOLA. — O tal da primeira duzia.

FIGUEIREDO. — Mas eu não o conheço !

LOLA. — Devêras ?

FIGUEIREDO. — Nunca o vi mais gordo !

LOLA. — Que pena ! Suppuz que o conhecesse !

FIGUEIREDO. — Póde ser que o conheça de Aísta, mas não ligo o nome á pessoa.

LOLA.— Tenho-o procurado innumeras vezes no hotel... e não ha meio ! Não está ! Sahiu ! Ha tres dias não apparece cá ! Um inferno !...

FIGUEIREDO.— Continúa a amal-o ?

LOLA.— Sim, continuo... porque a primeira duzia, pelo menos até a ultima vez que lhe falei, não tinha ainda falhado ; mas, como não o vejo ha muitos dias, receio que a sorte afinal se cançasse.

FIGUEIREDO.— Então o seu amor regula-se pelos caprichos da bola da roleta ?

LOLA.— E' como diz. Ah ! eu cá sou franca !

FIGUEIREDO.— Vê-se !

Coplas

LOLA.

I

Este affecto incandescente
Pela bola se regula
Que vertiginosamente
Na roleta salta e pula !

FIGUEIREDO.

Vocem'cê o moço estima
Dando a bola de um a dose ;
Mas de treze para cima
Ce n'est pas la même chose !

II

LOLA.

E' Gouveia um bom pateta
Se suppõe que inda o quizesse
Quando a bola da roleta
A primeira já não dêsse !

FIGUEIREDO.

A mulata brasileira
De carinhos é fecunda,
Embora dando a primeira,
Embora dando a segunda !

E, por outro lado, ando apprehensiva...

FIGUEIREDO.—Porque ?

LOLA.—Porque... O senhor não estranhe estas confidencias por parte de uma mulher que nem ao menos sabe o seu nome.

FIGUEIREDO.—Figueiredo...

LOLA.—Mas, como já disse, a sua physionomia é tão insinuante... Sympathiso muito com o senhor.

FIGUEIREDO.—Creia que lhe pago na mesma moeda. Digo-lhe mais : se eu não tivesse a minha especialidade... (*Aparte.*) Deixem lá ! Se o moreno fosse mais carregado...

LOLA.—Ando apprehensiva porque a Mercedes me contou que ha dias viu o Gouvêa no theatro com uma familia que pelos modos parecia gente da roça... e elle conversava muito com uma moça que não era nada feia... Tenho eu que ver se o tratante se apanha com uma boa bolada, arranja casorio e eu fico a chuchar no dedo !

FIGUEIREDO, *aparte.*—Ella exprime-se com muita elegancia !

LOLA.— Dos homens tudo ha que esperar !

FIGUEIREDO.—Tudo, principalmente quando dá a primeira duzia.

LOLA, *estendendo a mão que elle aperta.*— Adeus, Figueiredo.

FIGUEIREDO.—Adeus... Como te chamas ?

LOLA.—Lola.

FIGUEIREDO.—Adeus, Lola.

LOLA, *com uma idéa.*— Ah ! uma coisa : você é homem que vá a uma festa ?

FIGUEIREDO.— Conforme.

LOLA.— Eu faço annos sabbado...

FIGUEIREDO.—Este agora ?

LOLA.—Não ; o outro.

FIGUEIREDO.—Sabbado de alleluia ?

LOLA.—Sabbado de alleluia, sim. Faço annos e dou um baile á fantasia.

FIGUEIREDO.—Bravo ! Não faltarei !

LOLA.—Comtanto que vá fantasiado ! Se não vae, não entra !

FIGUEIREDO.—Irei fantasiado.

LOLA.—Aqui tem você a minha morada.
(*Da-lhe um cartão.*)

FIGUEIREDO.— Aceito com muito prazer, mas olhe que não vou sosinho...

LOLA.— Vae com quem quizeres.

FIGUEIREDO.— Levo commigo uma tri-gueira que estou lançando, e que precisa justamente de occasiões como essa para civilisar-se.

LOLA.— Aquella casa é tua, meu velho !
(*Vendo Gouvêa que entra do outro lado, cabisbaixo, e não repara nella.*) Olha quem vem ali !

FIGUEIREDO.— Quem ?

LOLA.— Aquelle é que é o Gouvêa.

FIGUEIREDO.— Ah ! é aquelle ? ... Conheço-o de vista... E' um moço do commercio.

LOLA.— Foi. Hoje não faz outra coisa senão jogar.— Mas como está cabisbaixo e pensativo ! Querem ver que a primeira duzia...

FIGUEIREDO.— Adeus ! Deixo-te com elle.
Até sabbado de alleluia !

LOLA.— Não faltes, meu velho ! (*Apertam-se as mãos.*)

FIGUEIREDO, *aparte.* — Dir-se-ia que andámos juntos na escola ! (*Sae.*)

SCENA III

LOLA, GOUVÊA.

GOUVÊA, *descendo cabisbaixo ao proscenio.* — Ha tres dias dá a segunda duzia... Consultei hoje a escripta : perdi em noventa e cinco bolas o que tinha ganho em perto de mil e duzentas ! Decididamente aquelle famoso padre do Pará tinha razão quando dizia que não se deve apontar á roleta nem com o dedo, porque o proprio dedo póde lá ficar !

LOLA, *aparte, do outro lado.* — Fala sosinho !

GOUVÊA. — Hei de achar a forra ! O diabo é que fui obrigado a pôr as joias no prego. Venho neste instante da casa do judeu. E' sempre pelas joias que começa a esbodegação...

LOLA, *aparte.* — Continúa... Aquillo é coisa...

GOUVÊA. — Com certeza vão dar por falta dos meus brilhantes... Pobre Quinota ! se ella soubesse ! Ella, tão simples, tão ingenua, tão sincera !

LOLA, *approximando-se inopinadamente.* — Tu estás maluco ?

GOUVÊA. — Heim ? . . Eu... Ah ! és tu ? Como vaes ?...

LOLA. — Estavas falando sosinho ?

GOUVÊA. — Fazendo uns calculos...

LOLA. — Aconteceu-te alguma coisa desagradavel ? Tu não estás no teu natural !

GOUVÊA. — Sim... aconteceu-me... fui roubado... um gatuno levou as minhas joias... e eu estava aqui planejando deixar hoje a primeira duzia e atacar dous esguichos, o esgui-

cho de 7 a 12 e o esguicho de 25 a 30, a dobrar, a dobrar !

LOLA, *com impeto*. — A primeira duzia falhou ?

GOUVÊA. — Falhou... (*A um gesto de Lola.*) Mas descança : eu já a tinha abandonado antes que ella me abandonasse.

LOLA. — Tens então continuado a ganhar ?

GOUVÊA. — Escandalosamente !

LOLA. — Ainda bem, porque sabbado de aleluia faço annos...

GOUVÊA. — E' verdade... fazes annos no sabbado de aleluia...

LOLA. — E preciso gastar muito dinheiro ! Tenho te procurado um milhão de vezes ! No hotel dizem-me que lá nem appareces !

GOUVÊA. — Exageração.

LOLA. — E outra coisa : quem era uma familia com quem estavas uma noite destas no S. Pedro ? Uma familia da roça ?...

GOUVÊA. — Quem te disse ?

LOLA. — Disseram-me. Que gente é essa ?

GOUVÊA. — Uma familia muito respeitavel que eu conheci quando andei por Minas.

LOLA. — Gouvêa, Gouvêa, tu enganas-me !

GOUVÊA. — Eu ? ! Oh, Lola ! nunca te autorisei a duvidares de mim !...

LOLA. — N'essa familia ha uma moça que... Oh ! o meu coração advinha uma desgraça, e... (*Desata a chorar.*)

GOUVÊA, *aparte*. — E' preciso, realmente, que ella me ame muito, para ter um presentimento assim ! (*Alto.*) Emtão ? Que é isso ? Não chores ! Vê que estamos na rua !...

LOLA, *aparte*. — Pedaco d'asno !

GOUVÊA. — Eu irei logo lá á casa, e conversaremos.

LÓLA.— Não ! não te deixo ! Has de ir agora commigo, has de acompanhar-me, senão desappareces como aquella vez, no largo da Carioca !

GOUVÊA.— Mas...

LOLA.— Ou tu me acompanhias, ou dou um escandalo !

GOUVÊA.— Bom, bom, vamos. Tens ahi o carro ?

LOLA.— Não, que o Lourenço, coitado, fô passar uns dias em Caxambú. Vamos a pé. Bem sei que tu tens vergonha de andar commigo em publico, mas isso são luxos que deves perder !

GOUVÊA.— Vamos ! (*Aparte.*) Hei de achar meio de escapolir...

LOLA.— Vamos ! (*Aparte.*) Ou eu me engano, ou está liquidado ! (*Afastam-se. Entram pelo outro lado Eusebio, Fortunata e Quinota, que os veem sem serem vistos por elles.*)

SCENA IV

EUSEBIO, FORTUNATA, QUINOTA.

FORTUNATA.— Olhe ! Lá vae ! E' elle ! E' seu Gouvêa com a mesma hespanhola com quem estava aquella noite no jardim do Recreio !... (*Correndo a gritar.*) Seu Gouvêa !... seu Gouvêa !...

EUSEBIO, *agarrando a pela saia.*—O' senhora ! não faça escandalo ! Que maluquice de miné !...

QUINOTA, *abraçando o pae chorosa.*— Papae, eu sou muito infeliz !

EUSEBIO.— Aqui está ! E' o que a senhora queria !...

FORTUNATA.— Aquillo é um desaforo que eu não posso admitti ! O diabo do home é noivo de nossa filha e anda por toda a parte e' uma pelintra !

EUSEBIO.— Que pelintra, que nada !... Não acredita, fia da minha bença. E' uma prima d'elle. Coitadinha ! Chorando ! (*Beija-lhe os olhos.*)

QUINOTA.— Eu gosto tanto d'aquelle ingrato !

EUSEBIO.— Elle tambem gosta de ti... e ha de casá comtigo... e ha de sê um bom marido !

FORTUNATA, *puxando Eusebio de lado.*— E' preciso que'você tome uma porvidencia quaqué, seu Eusebio,— senão, faço uma estralada !...

EUSEBIO, *baixo.*— Descance... Eu já tomei informação... Já sei onde mora essa hespanhola... Agora memo vou procurá ella. Vá as duas vá p'ra casa. Eu já vou.

FORTUNATA.— E Juquinha ? Por onde anda aquelle menino ?

EUSEBIO.— Deixe, que o pequeno não se perde... Está lá no tá Bellodromo, aprendendo a andá naquella coisa... Cumo chama ?

QUINOTA.— Bicycletta.

EUSEBIO.—E'.— Diz que é bom p'ra desenvolverê os mtusquios !

FORTUNATA.— Desenvorvê a vadiação é que é !

QUINOTA.— Elle é tão criança !

EUSEBIO.— Deixa o menino se adiverti.— Vão p'ra casa.

QUINOTA.— La vamos para aquelle forno !

EUSEBIO.— Tem paciencia, Quinota ! Emquanto não se arranja coisa mió, a gente deve se contentá e' aquelle sote.

FORTUNATA. — Vamo, Quinota !

QUINOTA. — Não se demore, papae !

EUSEBIO. — Não.

FORTUNATA, *sahindo...* — Eu tô mas é doida pro me apanhá na fazenda ! (*Eusebio leva as senhoras até o bastidor e, voltando-se, vê pelas costas Bemvinda.*)

SCENA V

EUSEBIO, BEMVINDA.

BEMVINDA, *comsigo*. — Parece que assim o meu andá tá dereito...

EUSEBIO, *comsigo*. — Chi ! que tentação ! (*Seguindo Bemvinda.*) Pscio !... O' dona !... Dona !...

BEMVINDA, *aparte*. — Esta voz... (*Volta-se.*) Sinhô Eusebio !

EUSEBIO. — Bemvinda !!...

BEMVINDA, *asestando o face-en-main*. — Ou revoá !

EUSEBIO. — A mulata de luneta, minha Nossa Senhora ! Este mundo tá perdido !...

BEMVINDA, *dando-se ares e sibillando os ss*. — Deseja alguma coisa ? Estou as suas ordres !

EUSEBIO. — Ah ! ah ! ah ! que mulata pernostica ! Quem havia de dizê ! Vem cá, diabo, vem cá ; me conta tua vida !

BEMVINDA, *mudando de tom*. — Vam'cê não tá zangado commigo ?

EUSEBIO. — Eu não ! Tu era senhora do teu nariz ! O que tu podia tê feito era se despedi da gente... Dona Fortunata não te perdôa ! E seu Borge, quando soubé, ha de ficá damnado, porque elle gosta de ti.

BEMVINDA. — Se elle gostasse de mim, tinha se casado commigo

EUSEBIO. — Elle um dia me deu a entendê que se eu te dêsse um dote...

BEMVINDA. — Vam'cês ainda mora no hoté?

EUSEBIO. — Não. Nos mudemo para um sote da rua dos Invalio. Paguemo sessenta mi rés.

BEMVINDA. — Seu Gouvêa já appareceu?

EUSEBIO. — Appareceu e tudo tá combinado... (*Aparte.*) O diabo é a hespanhola!

BEMVINDA. — Sinhá? nhã-nhã? nhô Juquinha? tudo tá bom?

EUSEBIO. — Tudo! Tudo tá bom!

BEMVINDA. — Nhô Juquinha eu vejo elle ás vez passa na rua do Lavradio... com outros menino...

EUSEBIO. — Ta aprendendo a andá no... n... nesses carro de duas roda, uma atraz outra adiente, que a gente trepa emcima e tem um nome exquisito...

BEMVINDA. — Eu sei.

EUSEBIO. — E tu, mulata?

BEMVINDA. — Eu tô com seu Figueiredo.

EUSEBIO. — Sei lá quem é seu Figueiredo!

BEMVINDA. — Tou morando na rua do Lavradio, canto da rua da Relação. (*Assestando o face-en-main.*) Se quizé apparecê não faça cerimonia. (*Sae requebrando-se.*) Ou revoá!

EUSEBIO. — Ahi, mulata!

SCENA VI

EUSEBIO, depois JUQUINHA.

EUSEBIO. — O curpado fui eu... Quando me alembro que seu Borge queria casá com ella...

Bastava um dote, quaqué coisa... dous ou tres conto de rés... Mas deixa está : elle não sabe de nada, e talvez que a coisa ainda se arrange. Quem não sabe é como quem não vê. (*Vendo passar Juquinha montado n'uma bicycletta.*) Eh ! Juquinha... Menino, vem cá !

JUQUINHA.— Agora não posso, não, sinhô ! (*Desapparece.*)

EUSEBIO.— Ah ! menino ! Espera lá ! (*Corre atraz de Juquinha. Gargalhadas dos circumstantes. Mutação.*)

QUADRO VI

Saleta em casa de Lola

SCENA PRIMEIRA

LOLA, GOUVÊA.

(*Lola entra furiosa. Tras vestida uma elegante bata. Gouvêa acompanha-a. Vem vestido de Mephistofeles.*)

LOLA.— Não ! Isto não se faz ! E o senhor escolheu o dia dos meus annos para me fazer essa revelação ! Devia esperar pelo menos que acabasse o baile ! Com que máo humor vou agora receber os meus convidados ! (*Cahindo n'uma cadeira.*) Oh ! os meus presentimentos não me enganavam !...

GOUVÊA.— Esse casamento é inevitavel ; quando estive em S. João do Sabará, comprometti-me com a familia de minha noiva e não posso faltar á minha palavra !

LOLA.— Mas porque não me disse nada ? Porque não foi franco ?

GOUVÊA. — Suppuz que essa divida tivesse cahido em exercicios findos ; mas a pequena teve saudades minhas, e tanto fez, tanto chorou, que o pae se vio obrigado a vir procurar-me ! Como vês, é uma coisa séria !

LOLA. — Mas o senhor não póde procurar um subterfugio qualquer para evitar esse casamento ? Que idéa é essa de se casar agora que está bem, que tem sido feliz no jogo ? E eu ? que papel represento eu em tudo isto ?

GOUVÊA, *puxando uma cadeira*. — Lola, vou ser franco, vou dizer-te toda a verdade. (*Senta-se.*) Ha muito tempo não faço outra coisa senão perder... O outro dia tive uma aragem passageira, um sopro de fortuna, que serviu apenas para pagar as despezas da tua festa de hoje e mandar fazer esta roupa de Mephistofeles ! Estou completamente perdido ! As minhas joias não foram roubadas, como eu te disse. Deitei-as no prégo e vendi as cautelas. Para fazer dinheiro, eu, que aqui vês coberto de seda, tenho vendido até a roupa do meu uso.. Nessas casas de jogo já não tenho a quem pedir dinheiro emprestado. Os banqueiros olham-me por cima dos hombros, porque eu tornei-me um piaba... Sabes o que é um piaba ? E' um sujeito que vae jogar com muito pouco bago. Estou completamente perdido !

LOLA, *erguendo-se*. — Bom. Prefiro essa franqueza. E' muito mais rasoavel.

GOUVÊA, *erguendo-se*. — Esse casamento é a minha salvação ; eu...

LOLA. — Não precisas dizer mais nada. Agora sou eu a primeira a aconselhar-te que te cases, e quanto antes melhor.

GOUVÊA.— Mas, minha boa Lola, eu sei que com isso vaes padecer bastante, e...

LOLA.— Eu ? ! Ah ! ah ! ah ! ah !... Só esta me faria rir !... Ah ! ah ! ah ! ah !... Sempre me sahiste um grande tolo ! Pois entrou-te na cabeça que eu algum dia quizesse de ti outra coisa que não fosse o teu dinheiro ?

GOUVÊA, *horrorizado*.— Oh !

LOLA.— E realmente suppunhas que eu te tivesse amor ?

GOUVÊA, *cahindo em si*.— Comprehando e agradeço o teu sacrificio, minha boa Lola. Tu estás a fingir uma perversidade e um cynismo que não tens, para que eu saia desta casa sem remorsos ! Tu és a Magdalena, de Pinheiro Chagas !

LOLA.— E tu és um asno !— O que te estou dizendo é sincero ! Estava eu bem aviada se me apaixonasse por quem quer que fosse !

GOUVÊA.— Dar-se-á caso que te sahissem do coração todos aquelles horrores ?

LOLA.— Do coração ? Sei lá o que isso é ! O que affianço é que sou tão sincera, que me comprometto a amar-te ainda com mais vehemencia que da primeira vez, no dia em que resolveres dar cabo do dote da tua futura esposa !

GOUVÊA, *com uma explosão*.— Cala-te, vibora damnada ! Olha que nem o jogo, nem os teus beijos me tiraram totalmente o brio ! Eu posso fazer-te pagar bem caro os teus insultos !

LOLA.— Ora vae te catar ! Se julgas ame-drontar-me com esses ares de galan de drama-lhão, enganas-te redondamente ! Depois, repara que estás vestido de Mephistofeles ! Esse traje prejudica os teus effeitos dramaticos !

Vae, vae ter com a tua roceira. Cazem-se, sejam muito felizes, tēham muitos Gouveasinhos, e não me amoles mais !

(*Gouvêa avança, quer dizer alguma coisa, mas não acha uma palavra. Encolhe os hombros e sac.*)

SCENA II

LOLA, depois LOURENÇO.

LOLA, só.— Faltou-lhe uma phrase, para o final da scena,—coitado ! A respeito de imaginação, este pobre rapaz foi sempre uma lastima ! — Os homens não comprehendem que o seu unico attrativo é o dinheiro ! Este pascaio devia ser o primeiro a fazer uma retirada em regra, e não se sujeitar a taes semsaborias ! Bastavam quatro linhas pelo correio.— Oh ! tambem a mim, quando eu ficar velha e feia, ninguem me ha de querer ! Os homens têm o dinheiro, nós temos a belleza ; sem aquelle e sem esta, nem elles nem nós valemos coisa nenhuma. (*Entra Lourenço, trajando uma libré de cocheiro. Vem a rir-se.*)

LOURENÇO.— Que foi aquillo ?

LOLA.— Aquillo que ?

LOURENÇO.— O Gouvêa ! — Veio zunindo pela escada abaixo e, no saguão, quando eu me curvei respeitosaente diante d'elle, mandou-me ao diabo, e foi pela rua fóra, a pé, vestido de satanaz de magica ! Ah ! Ah ! Ah !

LOLA.— D'aquelle estou eu livre !

LOURENÇO.— Eu não dizia a você ? Aquillo é bananeira que já deu cacho !

LOLA.— Que vieste fazer aqui ? Não te disse que ficasses lá em baixo ?

LOURENÇO.—Disse, sim, mas é que está ahí um matuto, pelos modos fazendeiro, que deseja fallar a você.

LOLA.— A occasião é impropria. São quasi horas e ainda tenho que me vestir !

LOURENÇO.—Coitado ! o pobre diabo já aqui veio um rór de vezes a semana passada, e parece ter muito interesse nesta visita. . Demais... você bem sabe que nunca se manda embora um fazendeiro.

LOLA.—Que horas são ?

LOURENÇO.—Oito e meia. Já estão na sala alguns convidados.

LOLA.—Bem ! n'um quarto de hora eu despacho esse matuto. Faze-o entrar.

LOLA.—E' já. (*Sae assoviando.*)

LOLA, só.—Como anda agora lepido o Lourenço ! Voltou de Caxambú que nem parece o mesmo ! — Elle tem razão ; um fazendeiro nunca se manda embora.

LOURENÇO, *introducindo Eusebio muito correctamente.*—Tenha V. Ex. a bondade de entrar. (*Eusebio entra muito encafifado e Lourenço sae fechando a porta.*)

SCENA III

LOLA, EUSEBIO.

EUSEBIO.—Boa nôte, madama ! Deus esteje nesta casa !

LOLA.—Faz favor de entrar, sentar-se e dizer o que deseja. (*Offerece-lhe uma cadeira. Sentam-se ambos.*)

EUSEBIO.—Na sumana passada eu precurei a madama um bandão de vez sem consegui le falá...

LOLA.—E porque não veio esta semana?

EUSEBIO.—Dona Furtunata não quiz, por sê sumana santa... Eu então esperei que rompesse as aleluia! (*Uma pausa.*) Eu pensei que a madama embrulhasse lingua commigo, e eu não entendesse nada que a madama dissesse... mas tô vendo que fala muito bem o portuguez ..

LOLA.—Eu sou hespanhola e..o senhor sabe.. o hespanhol parece-se muito com o portuguez ; por exemplo : *hombre*, homem *mujer*, mulher.

EUSEBIO, *mostrando o chapéo que tem na mão.*
—E como é chapéo, madama?

LOLA. — *Sombrero.*

EUSEBIO. — E guarda-chuva?

LOLA. — *Paraguas.*

EUSEBIO. — E' ! Parece quasi a mesma coisa !
— E cadeira ?

LOLA. — *Silla.*

EUSEBIO. — E janella ?

LOLA. — *Ventana.*

EUSEBIO. — Muito parecido !

LOLA. — Mas, perdão, creio que não foi para aprender hespanhol que o senhor veio á minha casa...

EUSEBIO. — Não, madama, não foi para aprendê hespanhol : foi para tratá de coisa munto séria !

LOLA. — De coisa séria ? Commigo ! E' exquisito !...

EUSEBIO. — Não é exquisito, não madama ; eu sou o pae da noiva de seu Gouvêa !...

LOLA. — Ah !

EUSEBIO. — Cumo minha fia anda munto desgostosa pru via da madama, eu me alembrei de vi na sua casa para sabê... sim, para sabê se é possive a madama se separá de seu Gou-

vêa. Se fô possible, muito que bem ; se não fô, paciencia : a gente arruma as mala, e amenhã memo vorta p'ra fazenda. Minha fia é bonita e é rica : não ha de sê defunto sem choro !...

LOLA. — Comprehendo : o senhor vem pedir a liberdade de seu futuro genro !

EUSEBIO. — Sim, madama ; eu quero o moço livre e desembaraçado de quaqué onus ! (*Lola levanta-se, fingindo uma commoção extraordinaria; quer falar, não pôde, e acaba n'uma explosão de lagrimas. Eusebio levanta-se.*) Que é isso ? A madama tá chorando ? !...

LOLA, *entre lagrimas.* — Perder o meu adorado Gouvêa ! Oh ! o senhor pede-me um sacrificio terrivel ! (*Pausa.*) Mas eu comprehendo... Assim é necessario... Entre a mulher perdida e a menina casta e pura. entre o vicio a virtudo, é o vicio que deve ceder... Mas o senhor não imagina como eu amo aquelle moço e quantas lagrimas preciso verter para apagar a lembrança do meu amor desgraçado ! (*Abrança Eusebio, escóndendo o rosto nos hombros delle, e soluça.*) Sou muito infeliz !

EUSEBIO, *depois de uma pausa, em que faz muitas caretas.* — Então, madama ?... Socegue... A madama não perde nada... (*Aparte.*) Que cangote cheiroso !...

LOLA, *olhando para elle, sem tirar a cabeça do seu hombro.* — Não perco nada ? Que quer o senhor dizer com isso ?

EUSEBIO. — Quero dizê que... sim... quero dizê... Home, madama, tira a cabeça d'ahi, porque assim eu não acerto c'as palavra !

LOLA, *sem tirar a cabeça.* — Sim, a minha porta se fechará ao Gouvêa... Juro-lhe que nunca mais o verei... Mas onde irei achar con-

solução?... onde encontrarei uma alma que me compreenda, um peito que me abrigue, um coração que vibre harmonizado com o meu?

EUSEBIO. — Nós podemos entrá n'um ajuste.

LOLA, *afastando-se d'elle com impeto.* — Um ajuste?! Que ajuste?! O senhor quer talvez propor-me dinheiro!... Oh! por amor d'essa innocente menina, que é sua filha, não insulte, senhor, os meus sentimentos, não offenda o que eu tenho de mais sagrado!...

EUSEBIO, *aparte.* — E' um pancadão! Seu Gouvêa teve bom gosto!...

LOLA. — O senhor quer que eu deixe o Gouvêa porque sua filha o ama e é amada por elle, não é assim? Pois bem: é seu o Gouvêa; dou-lh'o, mas dou-lh'o de graça, não exijo a menor retribuição!

EUSEBIO. — Mas o que eu vinha propô á madama não era um pagamento, mas uma... Como chama aquillo que se falou cando foi o 13 de Maio? Uma... Ora, sinhô! (*Lembrando-se.*) Ah! uma indemnisação! O caso muda muito de figura!

LÓLA. — Não! — nenhuma indemnisação pretendo! Mas de ora em diante fecharei o meu coração aos mancebos da capital, e só amarei (*Emquanto fala vae arranjando o laço da gravata e a barba de Eusebio.*) algum homem sério... de meia idade... filho do campo... ingenuo... sincero... incapaz de um embuste... (*Alisando-lhe o cabello.*) Oh! não exigirei que elle seja bello... Quanto mais feio fôr, menos ciumes terei! (*Eusebio cae como desfallcido n'uma cadeira, e Lola senta-se no collo d'elle.*) A esse hei de amar com frenezi... com delirio!... (*Enche-o de beijos.*)

EUSEBIO, *resistindo e gritando*.— Eu quero i me embora ! (*Ergue-se.*)

LOLA.— Cala-te, criança louca !...

EUSEBIO.— Criança louca ! Uê !...

LOLA, *com vehemencia*.— Desde que transpuzeste aquella porta, senti que uma força mysteriosa e magnetica me impellia para os teus braços ! Ora o Gouvêa ! Que me importa a mim o Gouvêa, se és meu, se estás preso pela tua Lola, que não te deixará fugir ?

EUSEBIO.— Isso tudo é verdade ?

LOLA.— Estes sentimentos não se fingem ! Eu adoro-te !

EUSEBIO.— Eu me conheço... já sou um home de idade... não sei falá como os doutô da capitá federà...

LOLA.— Mas é isso mesmo o que mais me encanta na tua pessoa !

EUSEBIO. — Quando a esmola é munta, a pobre desconfia.

LOLA.— Põe á prova o meu amor ! Já te não sacrifiquei o Gouveia ?

EUSEBIO.— Isso é verdade.

LOLA.— Pois sacrifico-te o resto !... Queres que me desfaça de tudo quanto possúo, e que vá viver contigo n'uma ilha deserta ?... Oh ! bastam-me o teu amor e uma choupana ! (*Abraça-o.*) Dá-me um beijo ! Dá-m'o como um presente do céu ! (*Eusebio limpa a bocca com o braço e beija-a.*) Ah ! (*Lola fecha os olhos e fica como n'um extasis.*)

EUSEBIO, *aparte*.— Seu Eusebio tá perdido ! (*Dá-lhe outro beijo.*)

LOLA, *sem abrir os olhos*. — Outro... outro beijo ainda... (*Eusebio beija-a e ella afasta-se,*

esfregando os olhos.) Oh ! não será isto um sonho ?

EUSEBIO. — Bom, madama, com sua licença: eu vou me embora...

LOLA. — Não ; não consinto ! Faça hoje annos e dou uma festa. A minha sala já está cheia de convidados.

EUSEBIO. — Ah ! por isso é que quando eu entrei subia uns mascarado...

LOLA. — Sim ; é um baile á fantasia. Precisas de um vestuario.

EUSEBIO. — Que vestuario, madama ?

LOLA. — Espera. Tudo se arranjará. (*Vae á porta.*) Lourenço !

EUSEBIO. — Que vae fazê, madama ?

LOLA. — Vaes ver.

SCENA IV

Os mesmos, LOURENÇO.

LOLA, *a Lourenço que se apresenta muito respeitosa-*mente. — Vá com este senhor a uma casa de alugar vestimentas á fantasia afim de que elle se prepare para o baile.

EUSEBIO. — Mas...

LOLA, *supplice.* — Oh ! não me digas que não ! (*A Lourenço.*) Dê ordem ao porteiro para não deixar entrar o Sr. Gouvêa. Esse moço morreu para mim !

LOURENÇO, *aparte.* — Que diabo d'isto será aquillo ?

LOLA, *baixo a Eusebio.* — Estás satisfeito ? (*Antes que elle responda.*) Vou preparar-me tambem. Até logo ! (*Sae pela direita.*)

SCENA V

EUSEBIO, LOURENÇO.

EUSEBIO, *comsigo*. — Sim sinhô ; isto é o que se chama vi buscá lan e sahi tosqueado ! — Se dona Fortunata soubesse... (*Dando com o Lourenço.*) Vamos lá, seu... Cumo o sinhô se chama ?

LOURENÇO. — Lourenço, para servir a V. Ex.

EUSEBIO, — Vamos lá, seu Lourenço... (*Sem arredar pé de onde está.*) Isto é, o diabo ! Emfim... Mas que hespanhola damnada ! (*Encaminha-se para a porta e faz logar para Lourenço passar.*) Faz favô !

LOURENÇO, *inclinando-se*. — Oh ! meu senhor... isso nunca... Eu, um cocheiro !... Então ? Por obsequio !

EUSEBIO. — Passe, seu Lourenço, passe, que o sinhô é de casa e esta fardado ! (*Lourenço passa e Eusebio acompanha-o, Mutaçãõ.*)

QUADRO VII

Rico salão de baile profusamente illuminado.

SCENA PRIMEIRA

RODRIGUES, DOLORES, MERCEDES, BLANCHETTE, CONVIDADOS.

(*Estão todos vestidos á fantasia.*)

Que lindo baile ! que bella festa !
Luzes e flores em profusão !
A nossa Lola não é modesta !
Eu sinto aos pulos o coração !

MERCEDES, DOLORES E BLANCHETTE.

Senhores e senhoras,
Divirtam-se a fartar !
Alegremente as horas
Vejamoz deslizar !
A mocidade é sonho
Esplendido e risonho
Que rapido se esvae ;
Portanto, a mocidade
Com voluptuosidade
Depressa aproveitae !

BLANCHETTE

Dansemos, que a dança,
Se o corpo nos cansa,
A alma nos lança
N'um mundo melhor !

DOLORES.

Bebamos, que o vinho
Com doce carinho
Nos mostra o caminho
Fulgente do amor !

MERCEDES.

Amemos, embora
Chegadas á hora
Da fulgida aurora,
Deixemos de amar !
Que em nós os amores,
Tal como nas flores
Perfumes e cores,
Não possam durar !

AS TRES.

Dansemos !
Bebamos ! Amemos !

CORO.

RODRIGUES, *que está vestido de Arlequim.*—
Então? Que me dizem desta fantasia? Vocês
ainda não me disseram nada !...

MERCEDES.—Deliciosa !

DOLORES.—Magnifica !

BLANCHETTE.—E' patante !

RODRIGUES.—Sahiu baratinha, porque foi feita em casa pelas meninas. Como sabem, sou o homem da familia.

MERCEDES.—Você confessou em casa que vinha ao baile da Lola ?

RODRIGUES.—Não, que isso talvez aborresse minha senhora. Eu disse-lhe que ia a um baile dado em Petropolis pelo ministro inglez...

TODAS.—Ah ! Ah ! Ah !...

RODRIGUES, *continuando* —... baile a que não podia faltar por amor de uns tantos interesses commerciaes...

BLANCHETTE.—Ah ! seu patife !...

DOLORES.—De modo que neste momento a sua pobre senhora julga-o em Petropolis.

RODRIGUES, *confidencialmente, muito risonho*. —Sahi hoje de casa com a minha bella fantasia dentro de uma mala de mão, e fingi que ia tomar a barca das quatro horas. Tomei, mas foi um quarto do hotel, onde o austero negociante jantou e onde á noite se transformou no polychrommo arlequim que estão vendo,—e depois, mettendo-me n'um carro fechado, vœi a esta deliciosa mansão de encantos e prazeres. Tenho por mim toda a noite e parte do dia de amanhã, pois só tenciono voltar á tardinha.— Ah ! não imaginam vocês com que saudade estou da familia, e com que satisfação abraçarei a esposa e os filhos quando vier de Petropolis !

MERCEDES.—Você é na realidade um pae de familia modelo !

DOLORES.—Um exemplo de todas as virtudes !

BLANCHETTE.—Esse vestuario de arlequim

não lhe fica bem! Você devia vestir-se de Catão!

RODRIGUES. — Trocem á vontade, mas cream que não ha no Rio de Janeiro um chefe de familia mais completo que eu (*Afastando-se.*) Em minha casa não falta nada. (*Afasta-se.*)

MERCEDES. — Nada, absolutamente nada, a não ser o marido.

DOLORES. — E' um grande typo.

BLANCHETTE. — E a graça é que a senhora paga-lhe na mesma moeda!

MERCEDES. — E' mais escandalosa que qualquer de nós.

DOLORES. — Não quero ser má lingua, mas ha dias encontrei-a n'um bonde da Villa-Isabel muito agarradinha ao Lima Gama!

BLANCHETTE. — Aquelles bondes da Villa-Isabel são muito compromettedores...

RODRIGUES, *voltando*. — Que estão vocês ahi a cochichar?

MERCEDES. — Falávamos da vida alheia.

BLANCHETTE. — Dolores contava que ha dias encontrou n'um bonde da Villa-Isabel uma senhora casada que mora em Botafogo.

RODRIGUES. — Isso não tira! Talvez fosse ao Jardim Zoologico...

DOLORES. — Talvez; mas o leão ia ao lado d'ella no bonde...

RODRIGUES. — Ha, effectivamente, senhoras casadas que se esquecem do decoro que devem a si e á sociedade!

AS TRES, *com convicção*. — Isso ha...

RODRIGUES. — Por esse lado posso levantar as mãos para o céu! Tenho uma esposa virtuosa!

MERCEDES. — Deus lh'a conserve tal qual tem sido até hoje.

RODRIGUES. — Amen.

BLANCHETTE. — E Lola que não apparece?

DOLORES. — Está se vestindo : não tarda.

UM CONVIDADO. — Oh ! que bonito par vem entrando !

TODOS. — E' verdade !

O CONVIDADO. — Façamos alas para recebê-lo !

RODRIGUES. — Propomos que o recebamos com um rataplan !

TODOS. — Apoiado ! Um rataplan !...

(Formam-se duas alas.)

CORO.

Rataplan ! Rataplan ! Rataplan !

Oh, que elegancia ! que lindo par !...

Todos os outros vem offuscar !

(Entra Figueiredo, vestido de Rhadamés, trazendo pela mão Benvinda, vestida de Aida.)

FIGUEIREDO.

I

Eis Aida,

Conduzida

Pela mão de Rhadamés !

Vem chibante,

Coruscante,

Da cabeça até os pés !...

Que lindeza !

Que belleza !

Meus senhores aqui está

A trigueira

Mais faceira

De S. João do Sabará !

CORO.

A trigueira, etc.

FIGUEIREDO.

II

Diz tolices,
Parvoices,
Se abre a bocca p'ra falar ;
Se se cala,
Se não fala,
Póde as pedras encantar !
Eu a lanço
Sem descanzo !
Na pontissima estará
A trigueira
Mais faceira
De São João do Sabará !

CORO.

A trigueira etc.

FIGUEIREDO. — Minhas senhoras e meus senhores, apresento a vossas excellencias e senhorias dona Fredegonda, que — depois, bem entendido, das damas que se acham aqui presentes — é a estrella mais scintillante do *demi-monde carioca* !

TODOS, *inclinando-se*. — Dona Fredegonda !

FIGUEIREDO, *baixo*, *a Bemvinda*. — Compri-
menta.

BEMVINDA. — O revoá !

FIGUEIREDO, *baixo*. — Não ! *Au revoir* é quando a gente vae se embora e não quando chega.

BEMVINDA. — Entonces...

FIGUEIREDO, *baixo*. — Cala-te ! Não digas nada !... (*Alto*.) Convidadô pela gentilissima Lola para comparecer a este forrobodó elegante, não quiz perder o magnifico ensejo, que se me offerecia, de iniciar a formosa Fredegonda nos insondaveis mysterios da galanteria fluminense ! Espero que vossas excellencias e senhorias queiram recebê-la com benevolencia,

dando o necessario desconto ás classicas emoções da estreia, e ao facto de ser dona Fredegonda uma simples roceira, quasi tão selvagem como a princeza ethiope que o seu vestuario representa.

TODOS, *batendo palmas.* — Bravo! Bravo! Muito bem!...

BLANCHETTE, *a Figueiredo.* — Descance. A iniciação desta neophyta fica por nossa conta. (*A's outras*) Não é assim?

DOLORES E MERCEDES. — Certamente. (*As tres cercam Bemvinda que se mostra muito encaifada.*)

FIGUEIREDO, *vendo Rodrigues e aproximando-se d'elle.* — Oh! que vejo! Você aqui!... Você, o homem da familia, o moralista rhetorico e sentimental, o palmatoria do mundo!..

RODRIGUES. — Sim... é que... são coisas... Estou aqui por necessidade... por incidente... por uma serie de circumstancias que... que...

FIGUEIREDO. — Deixe-se d'isso! Não ha nada mais feio que a hypocrisia! Naquella tarde em que o encontrei no largo da Carioca, a mulata mostrou-me o seu cartão de visita...

RODRIGUES. — O meu...? Ah! sim, dei-lhe o meu cartão... para...

FIGUEIREDO. — Para que?

RODRIGUES. — Para...

FIGUEIREDO. — Olhe, cá entre nós que ninguem nos ouve: quer você tomar conta della?

RODRIGUES. — Que! Pois já se aborreceu?

FIGUEIREDO. — Todo o meu prazer é lançal-as, — lançal-as e nada mais. Você viu a *Mimi Bilontra*?

RODRIGUES.—Não.

FIGUEIREDO.—Mas sabe o que é lançar uma mulher ?

RODRIGUES.—Nesses assumptos sou hospede... Você sabe... sempre fui homem da familia... Mas quer me parecer que lançar uma mulher é como quem diz atiral-a na vida, inicial-a neste meio...

FIGUEIREDO.—Ah ! qui qui ! Infelizmente não creio que d'esta se possa fazer alguma coisa mais que uma boa companheira. E' uma mulher que lhe convinha.

RODRIGUES.—Mas eu não preciso de companheira ! Sou casado, e, graças a Deus, a minha santa esposa...

FIGUEIREDO, *atalhando*. — E o cartão ?

RODRIGUES.—Que cartão ? Ah ! sim, o cartão do largo da Carioca... Mas eu não me comprometti a coisa nenhuma !

FIGUEIREDO.—Bom ; então não temos nada feito... Mas veja lá ! — se quer...

RODRIGUES.—Querer, queria... mas não com caracter definitivo !

FIGUEIREDO.—Ora vá pentear macacos !
(*A's ultimas deixas, Eusebio tem entrado, vestido com uma d'essas roupas que vulgarmente se chamam de princez. Eusebio aperta a mão aos convidados um por um, Todos se interrogam com os olhos, admirados de tão estranho convidado.*)

SCENA III

Os mesmos, EUSEBIO.

EUSEBIO, *depois de apertar a mão a muitos dos circunstantes*. — Tá tudo oiando uns p'r'os

outro, admirado de me vê aqui ! Eu fui convidado pela madama dona da casa !

BEMVINDA, *aparte*. — Sinhô Eusebio !...

FIGUEIREDO, *a quem Eusebio aperta a mão, aparte*. — Oh ! diabo ! é o patrão da Bemvinda !...

BLANCHETTE. — D'onde sahio esta figura ?

DOLORES. — E' um homem da roça !

BLANCHETTE. — Não será um doido ?

EUSEBIO, *indo apertar por ultimo a mão de Bemvinda, reconhecendo-a*. — Bemvinda !...

BEMVINDA. — Ô revoá !

FIGUEIREDO, *aparte*. — E ella a dar-lhe !...

EUSEBIO. — Tú tambem tá de fantasia, mulata ! O mundo tá perdido !...

BEMVINDA. — Eu vim com seu Figueiredo... mas vamcê é que me admira !

EUSEBIO. — Eu vim falá c'a madama prumode seu Gouvêa... e ella me convidou p'ra festa... e eu tive que alugá esta vestimenta, mas vim de tilbo porque hoje é sabbo de aleluia e eu não quero embrulho commigo !

FIGUEIREDO, *aparte*. — Oh ! bom ! foi o seu professor de portuguez !

BEMVINDA. — Si sinhá soubesse...

EUSEBIO. — Cala a bocca ! Nem pensá nisso é bão ! — Mas onde tá o tá seu Figueiredo ? Eu sempre quero oiá p'ra cara delle !

BEMVINDA. — E' aquelle.

EUSEBIO, *indo a Figueiredo*. — Pois foi o sinhô que me desencaminhou a mulata ? o sinhô, um home branco e que já começa a pintá ? Agora me alembro de vê o sinhô lá no hote só rondando a porta da gente !...

FIGUEIREDO. — Estou prompto a dar-lhe todas as satisfações em qualquer terreno que

m'as peça... mas ha de convir que este logar não é o mais proprio para...

EUSEBIO, *atalhando*. — Ora viva ! Eu não quero sastifação ! A mulata não é minha fia nem parenta minha ! Mas lá em S. João do Sabará ha um home chamado seu Borge, que se soubé... um ! um !... é capaz de vi na capitá federá !

FIGUEIREDO. — Pois que venha !...

MERCEDES. — Ahi chega a Lola !

TODOS. — Oh ! a Lola !... Viva a Lola !... Viva !...

SCENA IV

Os mesmos, LOLA,

CORO.

Até que emfim Lola apparece !
Até que emfim Lola cá está !
Vem tão bonita que entontece !
Lola, vem cá ! Lola, vem já !...

(Lola entra, ricamente fantasiada á hespanhola.)

LOLA.

Querem todos ver a Lola !
Aqui está ella !

CORO.

Aqui está ella !

LOLA.

Oh, que esplendida manola !
Não ha mais bella !

CORO.

Não ha mais bella !

LOLA.

Vejam que graça
Tem a manola !
Não é chalaça !
Não é parola !
Como se agita !
Como rebola !
Isto os excita !
Isto os consola !
O olhar bregeiro
De uma hêsphanhola
Do mais matreiro
Transtorna a bola,
E sem pandeiro
Nem castanhola !

CORO.

Vejam que graça etc.

(*Dansa geral.*)

FIGUEIREDO. — Gentillissima Lola, permite que Rhadamés te apresente Aida !

LOLA. — Folgo muito de conhecê-la. Como se chama ?

BEMVINDA. — Bemv... (*Emendando.*) Fredegonda.

EUSEBIO, *aparte.* — Fredegonda ? Uê ! Bemvinda mudou de nome !...

FIGUEIREDO. — Espero que lhe emprestes um raio da tua luz fulgurante !

LOLA. — Póde contar com a minha amizade.

FIGUEIREDO. — Agradece.

BEMVINDA. — Merci.

EUSEBIO, *aparte.* — Ahi, mulata !...

LOLA, *vendo Eusebio.* — Bravo ! não imagina como lhe fica bem essa fatiota !

EUSEBIO. — Diz que é vestuario de conde.

LOLA. — Está irresistivel !

EUSEBIO. — Só a madama podia me mettê nestas funduras !

BLANCHETTE, *a Lola*. — Onde foste arranjar aquillo ?

LOLA. — Cala-te ! E' um thesouro, um roceiro rico... e primitivo !

BLANCHETTE. — Tiraste a sorte grande !

LOLA. — Meus amigos, espera-os na sala de jantar um ponche, um ponche monumental, que mandei preparar no intuito de animar as pernas para a danza e os corações para o amor !

TODOS. — Bravo ! bravo !...

FIGUEIREDO. — Um ponche ! N'esse caso, é preciso apagar as luzes !

LOLA. — Já devem estar apagadas. (*A Eusebio.*) Fica. Preciso falar-te.

MERCEDES. — Ao ponche, meus senhores !

TODOS. — Ao ponche !...

BLANCHETTE, *a Lola*. — Não vens ?

LOLA. — Vão indo. Eu já vou. Manda-me aqui algumas taças.

DOLORES. — Ao ponche !

CORO.

Vamos ao ponche flammejante !
Vamos ao ponche sem tardar !
O ponche aquece um peito amante
E as cordas d'alma faz vibrar !

(*Saem todos, menos Lola e Eusebio.*)

SCENA V

EUSEBIO, LOLA.

LOLA. — Oh ! finalmente estamos sós um instante !

EUSEBIO, *em extasis*. — Como a madama tá bonita !

LOLA. — Achas ?

EUSEBIO. — Juro por esta luz que nos alumia que nunca vi uma muié tão fermosa !..

LOLA. — Hei de pedir a Deus que me conserve assim por muito tempo para que eu nunca te desagrade ! (*Entra Lourenço com uma bandeja cheia de taças de ponche chammejante.*)

SCENA VI

Os mesmos, LOURENÇO.

EUSEBIO. — Adeusinho, seu Lourenço. Como passô de indagorinha p'ra cá ?

LOURENÇO, *imperturbavel e respeitoso.* — Bem ; agradecido a vossa excellencia.

LOLA. — Deixe a bandeja sobre essa mesa e pôde retirar-se, (*Lourenço obedece e vae a retirar-se.*)

EUSEBIO. — Ate logo, seu Lourenço. (*Aper-ta-lhe a mão.*)

LOURENÇO. — Oh ! excellentissimo ! (*Faz uma mesura e sae, lançando um olhar significativo a Lola.*)

LOLA, *aparte.* — E' um bruto !

SCENA VII

LOLA, EUSEBIO.

EUSEBIO. — Este seu Lourenço é muito delicado. Arruma incellencia na gente que é um gosto !

LOLA, *offerecendo-lhe uma taça de ponche.* — A' nossa saude !

EUSEBIO. — Bebida de fogo ? Não ! não é o fio de meu pae !..

LOLA. — Prova, que has de gostar. (*Eusebio prova.*) Então que tal ? (*Elle bebe toda a taça.*)

EUSEBIO. — Home, é muito bão ! Cumo chama isto ?

LOLA. — Ponche.

EUSEBIO. — Uê ! ponche não é aquella coisa que a gente veste cando amonta a cavallo ?

LOLA. -- Aqui tens outra taça.

EUSEBIO. — Isto não faz má ? Eu não tenho cabeça forte !

LOLA. — Pódes beber sem receio.

EUSEBIO. — Então á nossa, p'ra que Deus nos livre de alguma coça ! (*Bebe.*)

LOLA. — Dize... dize que has de ser meu...
Dá-me a esperança de ser um dia amada por ti !...

EUSEBIO. — Eu já gosto da madama cumo que !

LOLA. — Não digas a madama. Trata-me por tu.

EUSEBIO. -- Não me ageito... Póde sê que despois...

LOLA. — Depois do que ?

EUSEBIO, *com um riso tolo e malicioso.* — Ah ! Ah !

LOLA, *dando-lhe outra taça.* — Bebe !

EUSEBIO. — Ainda ?

LOLA. — Esgotemos juntos esta taça ! (*Bebe um gole e dá a taça a Eusebio.*)

EUSEBIO. — Vou sabê, dos seu segredo. (*Bebe.*)

LOLA. — E eu dos teus. (*Bebe.*) Oh ! o teu segredo é delicioso... Tu gostas muito de mim... da tua Lola... mas receias que eu não seja sincera... tens medo de que eu te engane...

EUSEBIO, *indo a dar um passo e cambaleando*,
— Minha Nossa Senhora ! Eu tou fóra de
mim !... Parece que tou sonhando !... O tá
ponche tem feitiço... mas é bão... é muito
bão !... Quero mais !

Duetto

LOLA.

Dize mais uma vez ! Dize que me amas !

EUSEBIO.

Eu já disse e arrepenho !

LOLA.

O coração me inflamma !
Vem aos meus braços ! Vem !
Assim como eu te amo, ai ! nunca amei ninguém !
Se deste affecto duvidas,
Se me imaginas perjura,
Com essas mãos homicidas
Me cavas a sepultura !
Será o golpe certo,
A morte será horrenda !
Tu és o meu fazendeiro
E eu sou a tua fazenda !

EUSEBIO.

Se é moda a bebedeira, tou na moda,
Pois vejo toda a casa andando á roda !

LOLA.

Bebe ainda uma taça !
Agora pode ser que bem te faça !

EUSEBIO, *depois de beber*.

Não posso mais !

(*Atira a taça.*)

O' Lola, eu tou perdido !

LOLA.

Vem cá, meu bem querido !

JUNTOS

LOLA.

Vem aos meus braços!
Eusebio, vem!
Os meus abraços
Te fazem bem!

EUSEBIO.

Tou nos seus braços!
Aqui me tem!
Mas os abraço
Não me faz bem!

EUSEBIO.—Oh! tou e'uma fogueira aqui dentro! Mas é tão bão! (*Abraçando Lola.*)
Lola, eu sou teu... só teu... Faz de mim o que tu quizé, minha negra!

LOLA.—Meu! Isso é verdade? Tu és meu? Meu!...

EUSEBIO.—Sim, sou teu! Tá ahi! E agora? Sou teu e de mais ninguem!...

LOLA.—Então, esta casa é tua! E's o meu senhor, o meu dono, e como tal quero que todos te reconheçam! (*Indo á porta e batendo palmas.*) Eh! Olá! Venham todos!... venham todos! (*Musica na orchestra.*)

SCENA VIII

TODOS OS PERSONAGENS DO ACTO.

Final

CORO.

Lola nos chama!
Que aconteceu?
Que nos quer Lola?
Que succedeu?

LOLA.

Meus amigos, desejo neste instante
Apresentar-lhes o meu novo amante!
Elle aqui está! Eu o amo e elle me ama

EUSEBIO.

Sim! Aqui está o home da madama!

TODOS.

Elle!...

(Admiração geral.)

LOLA.

E's o meu novo dono !
Podes dizer-me : E's minha !
E' teu, é teu somente
O meu sincero amor !
Eu dava-te o meu throno
Se fosse uma rainha !
Tu, exclusivamente,
E's hoje o meu senhor !

EUSEBIO.

Sou eu seu novo dono !
Posso dizer : E' minha !
E' meu unicamente
O seu sincero amô !
Por ella eu me apaixono !
A Lola é bonitinha !
Eu, exclusivamente,
Sou hoje o seu sinhô !

LOLA.

E's o meu novo dono ! etc.

CORO.

Eis o seu novo dono !
Póde dizer : E' minha !
E' delle unicamente
O seu sincero amor !
Gostar assim de um mono
E' sorte bem mesquinha !
Elle, exclusivamente,
E' hoje o seu senhor !...

FIGUEIREDO, a *Eusebio*.

Nossos cumprimentos,
Meu amigo, aos centos
Queira receber !
E como hoje é trunfo,
Levado em triumpho
Agora vae ser !

(Figueiredo e Rodrigues carregam Eusebio. Organisa-se uma pequena marcha, que faz uma volta pela scena, levando o fazendeiro em triumpho.)

CORO.

Viva! viva o fazendeiro
Bonanchão e prazenteiro
Que de um peito bandoleiro
Os rigores abrandou,
Conquistando a linda Lola,
Essa esplendida hespanhola
Que o paiz da castanhola
Generoso nos mandou!

(Eusebio é posto sobre uma mesa ao centro da scena.)

EUSEBIO.

Obrigado!
Obrigado!
Mas eu tô muito chumbado!
Vejo tudo dobrado!

IOLA.

Dansem! dansem! Tudo danse!
Ninguem canse
No cancan,
Pois quem se acha aqui presente
Tudo é gente
Folgasan!

CORO.

Sim! Dansemos! Tudo danse!
Ninguem canse
No cancan,
Pois quem se acha aqui presente
Tudo é gente
Folgasan!

(Cancan desenfreado em volta da mesa.)

ACTO TERCEIRO

QUADRO VIII

A saleta de Lola.

SCENA PRIMEIRA

EUSEBIO, LOLA.

(Eusebio, ridiculamente vestido á moda, prepara um enorme cigarro mineiro, Lola, deitada no sofá, lê um jornal e fuma.)

EUSEBIO.— Isto tá o diabo ! Não sei de dona Fortunata... não sei de Quinota... não sei de Juquinha... não sei de seu Gouvêa... Não tenho côrage de entrá em casa !... Se eu me confessá, não encontro um padre que me absorva !... — Lola, Lola, que diabo de feitiço foi este ?... Tu fez de mim o que tu bem quiz !

LOLA.— Estás arrependido ?

EUSEBIO.— Não, arrependido não tou, porque a coisa não se póde dizê que não seja boa... Mas minha pobre muié deve está furiosa !... E então quando ella me vi assim, todo janota, co' esta roupa de arfaiate francez, feito monsiú da rua do Ouvidô... Oh ! Lola ! Lola ! as muié é os tormento dos home !...

(*Lola que se tem levantado e que tem ido, um tanto inquieta, até á porta da esquerda, volta ao proscenio e vem encostar-se ao hombro de Eusebio.*)

LOLA.—O tormento ? Oh ! não !...

Coplas

I

Meu caro amigo, esta vida
Sem a mulher nada val !
E' sopadesenxabida,
Sem uma pedra de sal !
Se a dor torna um homem triste,
Tem elle cura, se quer ;
A propria dor não resiste
Aos beijos de uma mulher !

II

Ao lado meu, queridinho,
Serás ditoso e feliz ;
Terás todo o meu carinho,
E' o meu amor que t'ó diz.
Se tu me amas como eu te amo,
Se respondes aos meus ais,
Nada mais de ti reclamo,
Não te peço nada mais !

EUSEBIO.—Mas... me diz uma coisa, diabo, fala tua verdade... Tu tá inteiramente curada de seu Gouvêa ?

LOLA.—Não me fales mais nisso ! Foi um sonho que passou. (*Pausa.*) A proposito de sonho... foste ver na vitrine do Luiz de Rezende o tal broche com que eu sonhei ?

EUSEBIO, *coçando a cabeça.*—Fui... sabe quanto custa ?

LOLA, *com indiferença.*—Sei... uma bagatela... um conto e oitocentos... (*Sobe e vae de novo observar á porta da esquerda.*)

EUSEBIO, *aparte*.—Sim, é uma bagatela... A hespanhola gosta de mim, é verdade, mas em tão poucos dia já me custa cinco conto de réis! E agora o colá!...

LOLA, *aparte*.—Que demora! (*Alto, descendo.*) Mas emfim? o colar? Se é um sacrificio, não quero!

EUSEBIO.—O home ficou de fazê um abatimento e me mandá a reposta.

LOLA, *aparte*.—E' meu!

EUSEBIO.—Se elle deixá por um conto e quinhento, compro! Não dou nem mais um vintem!

LOLA, *aparte*.—Sobem a escada. E' elle!...

EUSEBIO.—Parece que vem gente. (*Batem com força á porta.*) Quem é?

LOLA.—Deixa. Eu vou ver. (*Vae abrir a porta. Lourenço entra arrebatadamente. Traz oculos azues, barbas postiças, chapéo desabado e veste um sobretudo com a gola erguida. Lola finge-se assustada.*)

SCENA II

Os mesmos, LOURENÇO.

LOURENÇO.—Minha rica senhora, folgo de encontral-a!

EUSEBIO.—Que é isto?

LOURENÇO.—Fui entrando para não lhe dar tempo de me mandar dizer que não estava em casa! E' esse o seu costume!

LOLA.—Senhor!

EUSEBIO.—Quem é este home damnado?

LOURENÇO.—Quem sou eu?... Um credor que quer o seu dinheiro! Quer saber tambem

quem é esta senhora? Quer saber? É uma caloteira!

LOLA.— Que vergonha! (*Cae sentada e cobre o rosto com as mãos.*)

EUSEBIO.— O sinhô é um grande mar-criado! Não se insurta assim uma fraca muié que está em sua casa! Faça favô de sahi!...

LOURENÇO.— Sahir! Eu não saio d'aqui sem o meu rico dinheiro! O senhor, que tem cara do homem sério, naturalmente ha de julgar que sou um grosseirão, um bruto; mas não imagina a paciencia que tenho tido até hoje! (*Batendo com a bengala no chão.*) Venho disposto a receber o meu dinheiro!...

EUSEBIO.— Mas dinheiro de que?

LÓURENÇO.— De que? Como de que?... Dinheiro que me deve esta senhora! Dinheiro limpo, que me pediu ha quatorze mezes para pagar no fim de trinta dias!...

LOLA, *descobrendo o rosto muito chorosa.*— Com juros de sessenta por cento ao anno!

LOURENÇO.— Eu dispenso os juros! Isto prova que não sou nenhum agiota! O que eu quero, o que eu exijo, é o meu capital, os meus dous contos de réis, que me sahiram limpinhos da algibeira e seriam quasi o dobro com os juros accumulados!

LOLA, *supplicante.*— Senhor, eu pagarei esse dinheiro logo que puder... Poupe-me tamanha vergonha diante deste cavalheiro que estimo e respeito!

LOURENÇO.— Ora deixe-se de partes! Se a senhora não se quizesse sujeitar a estas scenas, solveria os seus compromissos! Mas não passa, já disse, de uma reles caloteira!...

EUSEBIO.—Home, o sinhô arrepare que eu tou aqui ! Faça favô de vê como fala !...

LOURENÇO.—Quem é o senhor ? E' marido desta senhora ? E' seu pae ? E' seu tio ? E' seu padrinho ? E' seu irmão ? E' seu parente ? Com que direito intervem ? Eu tenho ou não tenho razão ? Fui ou não fui caloteado ?

EUSEBIO.—Home, o sinhô se cale ! Olhe que eu sou mineiro !..

LOURENÇO.—Não me calo, ora ahi está ! E declaro que não me retiro d'aqui sem estar pago e satisfeito ! (*Senta-se.*)

EUSEBIO.—Seu home, olhe que eu...!

LOURENÇO, *erguendo-se.*—Eh ! lá ! Eh ! lá ! Agora sou eu que lhe digo que se cale ! O senhor não tem o direito de abrir o bico !...

LOLA, *chorando.*—Que vergonha !... Que vergonha !...

EUSEBIO, *aparte.*—Coitadinha !...

LOURENÇO.—A principio supuz que o senhor fosse o amante desta senhora. Vejo que me enganei... Se o fosse, já teria pago por ella, e não consentiria que eu a insultasse !...

EUSEBIO.—Heim ?

LOLA, *erguendo-se e correndo a Eusebio.*—Não ! Não ! Sou eu que não consinto que tu pagues !... Não ! Não tires a carteira ! Eu mesma pagarei essa divida !

LOURENÇO.—Mas ha de ser hoje, porque eu não me levanto desta cadeira ! (*Torna a sentar-se.*)

EUSEBIO.—Mas eu...

LOLA.—Não ! não pagues ! Esse dinheiro pedi-o para mandal-o a minha mãe, que está em Valladolih... Eu é que devo pagal-o...

(*Voltando-se supplicante para Lourenço*)... mas não hoje !...

LOURENÇO, *batendo com a bengala*. — Ha de ser hoje !...

LOLA. — Não posso ! não posso !...

LOURENÇO. — Não póde ?... Dê-me esse par de bichas que traz nas orelhas e ficarei satisfeito !

LOLA. — Estas bichas custaram tres contos !

LOURENÇO. — São os juro.

LOLA. — Pois bem ! (*Vae a tirar as bichas.*)

EUSEBIO, *pegando-lhe no braço*. — Não tira as bicha, Lola!... (*Ao credor.*) Seu desgraçado, não tenho dous conto aqui no bôrço, mas me acompanha na casa do meu correspondente, na rua de S. Bento... vem recebê o teu mardito dinheiro !

LOURENÇO, *batendo com a bengala*. -- Já disse que d'aqui não saio !

LOLA, *abraçando Eusebio*. — Não, Eusebio, meu querido Eusebio ! Não !...

EUSEBIO, *sem dar ouvidos a Lola*. -- Pois não sae, não sae, desgraçado ! (*Desenvencilhando-se de Lola.*) Espera ahi sentado, que eu vou buscá teu dinheiro ! (*Sae arrebatadamente. Lola, depois de certificar-se de que elle realmente sahio, volta, e desata a rir ás gargalhadas. Lourenço levanta-se, tira os oculos, as barbas e o chapéo, e tambem ri ás gargalhadas.*)

SCENA III

LOLA, LOURENÇO.

LOLA. — Soberbo ! soberbo ! Foi uma bella idéa ! Toma um beijo ! (*Dá-lhe um beijo.*)

LOURENÇO. — Aceito o beijo, mas olhe que não dispenso os vinte por cento.

LOLA. — Naturalmente.

LOURENÇO. — Você ha de convir que sou um grande artista !

LOLA. — E então eu ?

LOURENÇO. — Você também, mas se eu me houvesse feito comico em vez de me fazer cocheiro, estava a estas horas podre de rico !

Tango.

I

Ai ! que geito p'r'o theatro !
Que vocação !
Eu faria o diabo a quatro
Num dramalhão !
Mas ás redeas e ao chicote
Jungido estou !
Sou cocheiro de *cocotte* !
Nada mais sou !
Cumprir o nosso destino
Nem eu quiz nem você quiz !
Fui actor desde menino
E você foi sempre actriz !

II

Quando eu era mais mocinho
(Posso afiançar !)
Fiz furor n'um theatrinho
Particular !
Talvez outro João Caetano
Se achasse em mim,
Mas o fado deshumano
Não quiz assim !
Cumprir o nosso destino, etc,

LOLA. — Mas porque não acompanhaste o fazendeiro ? Era mais seguro !

LOURENÇO. — Pois eu lá me atrevia a andar por essas ruas de barbas postiças ! Nada, que não queria dar com os ossos no xadrez !

LOLA. — Tens agora que esperar aqui a pé firme !

LOURENÇO. — Estou arrependido de ter perdoado os juros. (*Batem á porta*)

LOLA. — Quem será ?

LOURENÇO, *depois de espreitar*. — E' o filho-familia.

LOLA. — Ah ! o tal Duquinha ? Tomaste as necessarias informações ? Que me dizes desse petiz ?

LOURENÇO, *abanando a cabeça com ares de competencia*. — Digo que no seu genero não deixa de ser aproveitavel... O pae é muito severo, mas a mãe, que é rica, satisfaz todos os seus caprichos... Não digo que você possa esperar d'alli mundos e fundos, mas é facil obrigar-o a contrahir dividas, se fôr preciso, para dar alguns presentes, e ouro é o que ouro vale.

LOLA. — Manda-o entrar.

LOURENÇO. — Não se demore muito, porque o fazendeiro foi a todo o vapor e não tarda ahi.

LOLA. — Temos tempo. A rua de S. Bento é longe. (*Sae. Lourenço tira o sobretudo, a que junta as barbas, os oculos e o chapéo, e vae abrir a porta a Duquinha.*)

SCENA IV

DUQUINHA, LOURENÇO.

(*Duquinha tem 18 annos e é muito timido.*)

DUQUINHA. — A senhora dona Lola está em casa ?

LOURENÇO, *muito respeitoso*. — Sim, meu se-

nhor... e pede a V. Ex. que tenha o obsequio de esperar alguns instantes.

DUQUINHA. — Muito obrigado. (*Aparte.*)
E' o cocheiro... não sei se deva...

LOURENÇO. — Como diz V. Ex. ?

DUQUINHA. — Se não fosse offendel-o, pediria-lhe que aceitasse... (*Tira a carteira.*)

LOURENÇO. — Oh ! não !... Perdôe V. Ex... não é orgulho ; mas que diria a patrôa se soubesse que eu...

DUQUINHA. — Ah ! nesse caso... (*Guarda a carteira.*)

LOURENÇO, *que ia sair, voltando.* — Se bem que eu estou certo que V. Ex. não diria nada á senhora dona Lola ..

DUQUINHA, *tirando de novo a carteira.* — Ella nunca o saberá. (*Dá-lhe dinheiro.*)

LOURENÇO. — Beijo as mãos a V. Ex. A senhora dona Lola é tão escrupulosa ! (*Aparte.*)
Uma de trinta ! O franguinho promete... (*Sae com muitas mesuras, levando o sobretudo e mais objectos.*)

SCENA V

DUQUINHA.

Estou tremulo e nervoso... E' a primeira vez que entro em casa de uma destas mulheres... Não pude resistir !... A Lola é tão bonita, e o outro dia, no Braço de Ouro, me lançou uns olhares tão meigos, tão provocadores, que tenho sonhado todas as noites com ella ! Até versos lhe fiz, e aqui lh'os trago... Quiz comprar-lhe uma joia, mas, receioso de offendel-a, comprei apenas estas flores... Ai, Jesus ! ella ahi vem ! Que lhe vou dizer ?...

SCENA VI

DUQUINHA, LOLA.

LOLA. — Não me engano: é o meu namorado do Braço de Ouro! (*Estendendo-lhe a mão.*) Como tem passado?

DUQUINHA. — Eu... sim... bem, obrigado; e a senhora?

LOLA. — Como tem as mãos frias!

DUQUINHA. — Estou muito impressionado. É uma coisa exquisita: todas as vezes que fico impressionado... fico também com as mãos frias...

LOLA. — Mas não se impressione! Esteja á sua vontade! Parece que não lhe devo metter medo!

DUQUINHA. — Pelo contrario!

LOLA, *arremedando-o*. — Pelo contrario! (*Outro tom.*) São minhas essas flores?

DUQUINHA. — Sim... eu não me atrevia... (*Da-lhes as flores.*)

LOLA. — Ora essa! Porque? (*Depois de aspiral-as.*) Que lindas são!

JUQUINHA. — Trago-lhe também umas flores... poeticas.

LOLA. — Umas que?...

DUQUINHA. — Uns versos.

LOLA. — Versos? Bravo! Não sabia que era poeta!

DUQUINHA. — Sou poeta, sim, senhora... mas poeta moderno, decadente...

LOLA. — Decadente? nessa idade?

DUQUINHA. — Nós somos todos muito novos.

LOLA. — Nós quem?

DUQUINHA. — Nós, os decadentes. E só podemos ser comprehendidos por gente da nossa

idade. As pessoas de mais de trinta annos não nos entendem.

LOLA. — Se o senhor se demorasse mais algum tempo, arriscava-se a não ser comprehendido por mim.

DUQUINHA. — Se dá licença, leio os meus versos. (*Tirando um papel da algibeira.*) Quer ouvi-los ?

LOLA. — Com todo o prazer.

DUQUINHA, *lendo.*

O' flor das flores, linda hespanhola,
Como eu te adoro, como eu te adoro !
Pelos teus olhos, ó Lola ! ó Lola !
De dia canto, de noite choro,
Linda hespanhola, linda hespanhola !

LOLA. — Dir-se-ia que o trago de canto chorado !

DUQUINHA. — Ouça a segunda estrophe :

E's uma santa, santa das santas !
Como eu te adoro, como eu te adoro !
Meu peito enlevas, minh'alma encantas !
Ouve o meu triste canto sonoro,
Santa das santas, santa das santas !

LOLA. — Santa ? Eu !... Isto é que é liberdade poetica !

DUQUINHA. — A mulher amada pelo poeta é sempre santa para elle ! Terceira e ultima estrophe...

LOLA. — Só tres ? Que pena !

DUQUINHA, *lendo.*

O' flor das flores ! bella andaluza !
Como eu te adoro, como eu te adoro !
Tu és a minha pallida musa !
Desses teus labios um beijo imploro,
Bella andaluza, bella andaluza !

LOLA. — Perdão, mas eu não sou da Andaluza : sou de Valladolid.

DUQUINHA. — Pois ha hespanholas bonitas que não sejam andaluzas ?

LOLA. — Pois não ! o que não ha são andaluzas bonitas que não sejam hespanholas.

DUQUINHA. — Hei de fazer uma emenda.

LOLA. — E que mais ?

DUQUINHA. — Como ?

LOLA. — O senhor trouxe-me flores... trouxe-me versos... e... não me trouxe mais nada ?

DUQUINHA. — Eu ?

LOLA. — Sim... Os versos são bonitos... as flores são cheirosas... mas ha outras coisas de que as mulheres gostam muito.

DUQUINHA. — Uma caixinha de *marrons glacés* ?

LOLA. — Sim, não digo que não... é uma boa gulodice... mas não é isso...

DUQUINHA. — Então que é ?

LOLA. — Faça favor de me dizer para que se inventaram os ourives.

DUQUINHA. — Ah ! já percebo... Eu devia trazer-lhe uma joia !

LOLA. — Naturalmente. As joias são o «Sesamo, abre-te» destas cavernas de amor.

DUQUINHA. — Eu quiz trazer-lhe uma joia, quiz ; mas receei que a senhora se offendesse...

LOLA. — Que me offendesse?... Oh ! santa ingenuidade !... Em que é que uma joia me poderia offender ? Querem ver que o meu amiguinho me toma por uma respeitavel mãe de familia ? Creia que um simples grampo de chapéo, com um bonito brilhante, produziria mais effeito que todo esse.

Como te adoro, como te adoro,
Linda hespanhola, linda hespanhola,
Santa das santas, santa das santas !

DUQUINHA. — Vejo que lhe não agrada a escola decadente...

LOLA. — Confesso que as joias exercem sobre mim uma fascinação maior que a litteratura. E demais, não sou mulher a quem se offereçam versos... Vejo que o senhor não é da opinião de Bocage...

DUQUINHA. — Oh ! não me falle em Bocage !

LOLA. — Que mania essa de não nos tomarem pelo que somos realmente ! Guarde os seus versos para as donzellinhas sentimentaes, e aude, vá buscar o «Sesamo, abre-te» e volte amanhã. (*Empurra-o para o lado da porta. Entra Lourenço.*)

DUQUINHA. — Mas...

LOLA. — Vá, vá ! Não me appareça aqui sem uma joia. (*A Lourenço.*) Lourenço, conduza este senhor até a porta. (*Sae pela direita.*)

DUQUINHA. — Não, não é preciso, não se incommode, (*Aparte.*) Vou pedir dinheiro a mamãe. (*Sae.*)

SCENA VII

LOURENÇO.

A's ordens de vossa excellencia. (*Só.*) A Lola sahiu-me uma artista de primeirissima ordem ! — Bom ! vou caracterisar-me de credor, que o fazendeiro não tarda por ahi. Quatrocentos mil réis cá para o dégas ! Que bom ! Hão de grelar esta noite no Bellodromo, onde

conto organizar uma mala onça ! (*Sae cantando o tango. Mutação.*)

QUADRO IX

No Bellodromo Nacional.

SCENA PRIMEIRA

LEMONS, GUEDES, UM FREQUENTADOR DO BELLDROMO, PESSOAS DO POVO, depois AMADORES, depois S'IL VOUS PLAÎT, depois LOURENÇO.

(*Durante todo este acto ouve-se, a intervalos, o som de uma sineta que chama os compradores á casa das pules, á esquerda, e uma voz que grita: Vae fechar!*)

Coro.

Não ha nada como
Vir ao Bellodromo !
São estas corridas
Muito divertidas !
Desgraçadamente
Muito raramente
O povo, coitado !
Não é cá roubado !
Mas o cabeçudo,
Apezar de tudo,
Pules vae comprando,
Sempre protestando !
Typos aqui pizam,
Mestres em cabalas,
E ellas organisam
As famosas malas !
É com artimanha
(Manha mais do que arte)
Quasi sempre ganha
Piffo bacamarte !

(*Entrada dos amadores.*)

Coro de amadores

Aqui estamos os melhores
Amadores
Da elegante bicycletta !
Nós corremos, prazenteiros,
Mais ligeiros,
Mais velozes que uma'setta !
A todo o publico
Dos bellodromos
Muito sympathicos
Se diz que somos.
O povo applaude-nos
Quando vencemos,
Mas tambem vaia-nos
Quando perdemos !
Aqui estamos os melhores etc.

O FREQUENTADOR DO BELLODROMO, *a Lemos e Guedes.* — Parece impossivel !... No pareo passado joguei no numero 17 por ser a data em que minha mulher morreu, e, por causa das duvidas, joguei tambem no numero 18, por ser a data em que ella foi enterrada... e ganhou o numero 19 ! Parece impossivel !...

LE MOS. — E' verdade ! Parece ! (*A Guedes.*)
Você já viu velho mais cabuloso ?

O FREQUENTADOR. — Agora vou jogar no 25... Não pôde falhar, porque a sepultura della tem o n. 525.

GUEDES. — E'... é isso... vá comprar, vá.

O FREQUENTADOR. — Vou jogar uma em primeiro e duas em segundo. (*Afasta-se para o lado da casa das pules.*)

LE MOS. — E que me dizes a esta, ó Guedes ?
O *S'il-vous-plaît* foi arranjar tudo, e do Lourenço nem novas nem mandados !

GUEDES.—Quem sabe se elle teve que levar a Lola de carro a algum theatro ?...

LE MOS.—Qual ! Não creias ! Pois se elle é um cocheiro que faz da patrôa o que bem quer !...

GUEDES.—Esta só pelo diabo ! Uma mala segura, e não ha dinheiro para o jogo !... — Olha, aqui está de volta o *S'il-vous-plait*.

S'IL-VOUS-PLAIT, *approximando-se, vestido de corredor*.—Venho da pista. Está tudo combinado.

LE MOS.— Sim, mas ainda não temos o melhor ! O caixa da mala não apparece !

S'IL-VOUS-PLAIT.—Que diz você ? Pois o Lourenço...

GUEDES.—O Lourenço até agora !

LOURENÇO, *apparecendo entre elles*.— Que estão vocês ahí a falar do Lourenço ?

OS TRES.—Ora graças !...

LOURENÇO.—Vocês sabem que eu sou de palavra... Quando digo que venho é porque venho !

LE MOS.—Estavamos sobre brasas !

LOURENÇO.—Já estão vendendo ?

GUEDES.—Ha que tempos !

S'IL-VOUS-PLAIT.—Já se fez a segunda apre-goação.

LOURENÇO.—O que está combinado ?

S'IL-VOUS-PLAIT.—Ganha o *Menelik*.

LOURENÇO.—O *Felix Faure* não corre ?

S'IL-VOUS-PLAIT.—Corre.

LOURENÇO.—Se tiver boa machina, póde ganhar sem querer.

S'IL-VOUS-PLAIT.—Está combinado que elle cahirá na quinta volta.

LOURENÇO.—Quantas voltas são ?

S'IL-VOUS-PLAIT.—Oito.

LOURENÇO.—Quem mais corre?

S'IL-VOUS-PLAIT.—O *Garibaldi*, o *Carnot* e o *Colibri*.

LOURENÇO.—Que *Colibri* é esse?

S'IL-VOUS-PLAIT.—E' um pequenote... um bacamarte... não vale nada... Nem eu o metti na combinação!

LOURENÇO.—Os outros quatro quanto recebem?

S'IL-VOUS-PLAIT.—Quinze mil réis cada um.

LOURENÇO.—E dez por cento dos lucros para vocês tres... Bõm. (*Dando dinheiro a Lemos*). Tome, seu Lemos: vá comprar dez pules... (*Dando dinheiro a Guedes*). Tome, seu Guedes: compre outras dez... Vá cada um por sua vez, para disfarçar... Senão, o rateio não dá para o buraco de um dente! Eu compro tres cheques. Vamos. (*Afastam-se todos.*)

SCENA II

BEMVINDA, FIGUEIREDO.

BEMVINDA.—Me deixe! Já le disse que não quero mais sabê do sinhô!

FIGUEIREDO.—Porque, rapariga?

BEMVINDA.—O sinhô co'essa mania de querê me lançá é um cacete insupportavê! Tá sempre me dando lição e raiando com-migo! Para isso eu não percisava sahi de casa de sinhô Eusebio!

FIGUEIREDO.—Mas é para o teu bem que eu...

BEMVINDA. — Quaes pera meu bem nem pera nada ! Hei de encontrá quem me queira mesmo falando cumo se fala na roça !

FIGUEIREDO. — Estás bem aviada !

BEMVINDA. — Eu mesmo posso me lançá sem precisá do sinhô !

FIGUEIREDO. — Oh ! mulher, olha que tu não tens nenhuma experiencia do mundo ! E's uma tola... uma ignorantona... não sabes o que é a capital-federal !

BEMVINDA. — Como o sinhô se engana ! Eu já tou meia capitalista-federalista !

FIGUEIREDO. — Bom ; tu' alma tua palma !... Estou com a minha consciencia tranquillá. Mas vê lá : se algum dia precisares de mim, procura-me.

BEMVINDA. — *Merci.* (*Vde se afastando.*)

FIGUEIREDO. — Adeus, Fredegonda !

BEMVINDA, *parando.* — Que Fredegonda ! Assim é o que sinhô me lançou ! Me deu logo um nome tão feio que toda a gente se ri quando ouve elle !

FIGUEIREDO. — E' porque não sabem historia ! Fredegonda foi uma rainha... era casada com Chilperico ..

BEMVINDA. — Pois eu por minha desgraça não sou casada nem com seu Borge. Ô revoá ! (*Afasta-se.*)

FIGUEIREDO, *só.* — No fundo estou satisfeito, porque decididamente não havia meio de fazer della alguma coisa... Parece que vae chover... mas já agora vou assistir á corrida. (*Afasta-se.*)

SCENA III

LOURENÇO, LEMOS, GUEDES, depois o FREQUENTADOR DO BELLODROMO.

LOURENÇO. — Bom ! venham as pules. (*Lemos e Guedes entregam as pules, que elle guarda.*)

LE MOS. — A mala não transpirou. *Felix Faure* é o favorito.

GUEDES. — Queira Deus que o *S'il-vous-plait* não dê com a lingua nos dentes !

O FREQUENTADOR, *voltando*. — Comprei no 25... Mas agora me lembro.. somando o numero da sepultura dá a somma de 12. 5 e 2—7 e 5—12. Ora, 12 e 12 são 24.

LE MOS. — 24 é o tal *Colibri*. Não deite o seu dinheiro fóra !

O FREQUENTADOR. — Aceito o conselho... Já cá tenho o 25... e não póde falhar ! O diabo é que parece que vae chover. O tempo está muito entroviscado ! (*Afasta-se.*)

LOURENÇO, *que tem estado a calcular*. — Se o *Felix Faure* é o favorito, o *Menelik* não póde dar menos de sete mil réis.

GUEDES. — Para cima !

LOURENÇO. — Separemo-nos. Creio que a directoria já nos traz de olho... No fim da corrida esperal-os-hei no lugar do costume para a divisão dos *lucaros*. Até logo !

LE MOS E GUEDES. — Até logo. (*Afastam-se. Bemvinda volta, passeiando.*)

SCENA IV

LOURENÇO, BEMVINDA.

LOURENÇO, *comsigo*. — Estes malandretes ganham pela certa... não arriscam um nico-

láo... (*Vendo Bemvinda.*) Não me engano : é a celeste Aida do sabbado de aleluia... Reconhecerá ella na minha fisolostria o cocheiro da Lola ? Vejamos ! (*Passa e acotovela Bemvinda.*) Adeus, coração dos outros !

BEMVINDA.—Vá passando seu caminho e não bula c'a gente !

LOURENÇO.—Tão zangada, meu Deus !

BEMVINDA.—Que deseja o sinhô ?

LOURENÇO.—Pelo menos saber onde mora.

BEMVINDA.—Moro na rua das casa.

LOURENÇO.—Não seja má ! Bem sei que é aqui mesmo na rua do Lavradio.

BEMVINDA.—Quem le disse ?

LOURENÇO.—Ninguem. Fui eu que lhe vi na janella.

BEMVINDA.—Pois não vá lá que não lhe arrecebo !

LOURENÇO.—Porque não me arrecebe, marvada ?

BEMVINDA.—Vou sê franca... Só arrecebo quem quizé me tirá desta vida. Não nasci p'ra isto. Quero vivê em familia.

LOURENÇO.—Ah, seu bemsinho ! isso é que não póde ser ! Hoje em dia não é possivel viver em familia !

BEMVINDA.—Porque !

LOURENÇO.—Porque ? Ainda me perguntas, amcr ?

Coplas

LOURENÇO.

I

Já não se encontra casa decente,
Que custe apenas uns cem mil réis,
E os senhorios constantemente
O preço augmentam dos alugueis !

Anda o p^ovinho muito inquieto,
E tem— pudera!—toda a razão ;
Não apparece nenhum projecto
Que nos arranque desta oppressão !
Um cidadão neste tempo
Não póde andar amarrado...
A gente vê-se e adeusinho :
Cada um vae p'r'o seu lado !

II

Das algibeiras some-se o cobre,
Como levado por um tufão !
Carne de vacca não come o pobre,
E qualquer dia não come pão !
Phosphoros, velas, couve, quiabos,
Vinho, aguardente, milho, feijão,
Fructas, conservas, cenouras, nabos,
Tudo se vende p'r'um dinheirão !
Um cidadão neste tempo etc.

BEMVINDA.—Tenho sede, venha pagá um copo de cerveja.

LOURENÇO.—Com muito gosto, mas da Baby-lonia, que as allamôas estão pela hora da morte !

BEMVINDA.—Vamo.

LOURENÇO.—Como você se chama, seu bem-sinho ?

BEMVINDA.—Arthemisa.

LOURENÇO.— Que bonito nome ! Vamos alli no botequim do Lopes. (*Saem.*)

SCENA V

EUSEBIO, LOLA, MERCEDES, DOLORES, BLANCHETTE, depois FIGUEIREDO.

(*Eusebio entra no meio das mulheres ; traz o chapéo atirado para a nuca, e um enorme charuto. Vêm todos alegres. Acabaram de jantar e lembraram-se de dar uma volta pelo Bello-dromo.*)

EUSEBIO. — Não, Lola ! Tu hoje ha de me deixá i p'r'a casa ! Dona Fortunata deve está furiosa !

LOLA. — Que dona Fortunata nem nada !

MERCEDES. — Havemos de acabar a noite n'um gabinete do Munchen !

DOLORES. — Não o deixamos !

BLANCHETTE. — Está preso !... E demais, vamos ter chuva !

EUSEBIO. — Na chuva já tou eu, se não me engano. Aquelle vinho é bão, mas é veiaco !

FIGUEIREDO, *approximando-se*. — Olá ! viva a bella sociedade !

LOLA. — Olha quem elle é ! o Figueiredo !...

MERCEDES. — O Rhadamés !

DOLORES. — Você no Bellodromo !

FIGUEIREDO. — Por méro acaso... Não gosto disto... No Rio de Janeiro não ha divertimentos que prestem ! Não temos nada, nada !

EUSEBIO, *n'um tom magoado*. — Cumo vae a Fredegonda, seu Figueiredo ?

FIGUEIREDO. — A Fredegonda já não é Fredegonda !

TODOS. — Ah !...

FIGUEIREDO. — Tornou a ser Bemvinda, como antigamente. Deixou-me !

TODOS. — Deixou-o ?

FIGUEIREDO. — Deixou-me, e anda á procura de alguém que saiba lançal-a melhor do que eu !

EUSEBIO. — Uê !

FIGUEIREDO. — Deve estar aqui no Bellodromo... Acompanhei-a até cá para pedir-lhe que tivesse juizo, mas a sua resolução é inabalavel... Pobre rapariga !...

EUSEBIO, *muito commovido, para o que corre o vinho que bebeu.* — Coitada da Bem-vinda !... Podia tá casada e agora... anda atirada por ahi como uma coisa á tôa... sem ninguem que tome conta della... (*Com lagrimas na voz.*) Coitada !... não façum caso... Eu vi ella pequena... nasceu e cresceu lá em casa... (*Chorando.*) Minha fia mamou o leite da mãe della !

TODOS. — Que é isso ? ! Chorando ? ! Ora esta !...

EUSEBIO, *com soluços.* — Que chorando, que nada ! Já passou !... Não foi nada !... Que qué vacês ? Mineiro tem muito coração !...

TODOS. — Vamos lá ! Que é isso ? Então ?...

LOLA. — Ha de passar. São effeitos do chambertin ! — Eusebio, ande... então ?... vá comprar umas pules para tomar interesse pela corrida.

EUSEBIO. — Eu não entendo disso !

FIGUEIREDO. — Escolha um nome d'aquelles. Olhe, ali, na pedra... *Liguria, Carnot, Menelik, Colibri e Felix Faure!*

EUSEBIO. — *Colibri !* Eu quero *Colibri !*

FIGUEIREDO. — Ouvi dizer que não vale nada... E' o que aqui chamam um bacamarte... Não lhe sorri nenhum dos presidentes da Republica Franceza ?

EUSEBIO. — Não, sinhô, não quero outro ! *Colibri* é o nome de um jumento que tenho lá na fazenda.

DOLORES, MERCEDES E BLANCHETTE, *ao mesmo tempo.* — Não faça isso ! Se é bacamarte, não presta ! E' dinheiro deitado fóra !

LOLA. — Deixem-no lá ! E' um palpíte ! Vá comprar cinco pules naquelle *guichet.*

EUSEBIO.—N'aquelle que ?

FIGUEIREDO.—N'aquelle buraco.

EUSEBIO.—Canto custa ?

FIGUEIREDO.—Cinco pules são dez mil réis.

EUSEBIO.—Mas como se faz ?

FIGUEIREDO.—Estenda o braço, metta o dinheiro dentro do buraco, abra a mão, e diga «Colibri.»

EUSEBIO.—Sim sinhó. (*Afasta-se.*)

FIGUEIREDO.—Pois é o que lhes conto : estou livre como o lindo amor !

MERCEDES.—Se me quizer tomar sob a sua valiosa protecção...

DOLORES.—Se quizer fazer a minha ventura...

BLANCHETTE.—Se me quizer lançar...

LOLA.—Vocês estão a ler ! Elle só gosta de...

FIGUEIREDO, *atalhando*.—De trigueiras ! Eu digo trigueiras por ser menos rebarbativo... Acho que as brancas são encantadoras, appetitosas, adoraveis, lindissimas, mas — que querem ? — tenho cá o meu genero...

MERCEDES.—Isso é um crime !

DOLORES.—Devia ser preso !

BLANCHETTE.—Deportado !

LOLA.—Sim, deportado... para a Costa da Africa !...

Quintetto

LOLA.

O' Figueiredo, eu cá sou franca :
Estou com pena de você !

AS OUTRAS.

Nós temos pena de você !

FIGUEIREDO.

Façam favor, digam porque !

LOLA.

Por não gostar da mulher branca !

AS OUTRAS.

Por não gostar da mulher branca !

FIGUEIREDO.

Meu Deus ! Devéras ?
Por isso só ?

TODAS.

Somos sinceras !
Causa-nos dó !

FIGUEIREDO.

Oh ! oh ! oh ! oh !

TODAS.

Oh ! oh ! oh ! oh !

LOLA.

I

Pelle candida e rosada,
Setinosa e delicada
Sempre teve algum valor !

FIGUEIREDO.

Que tolice !

TODAS.

Sim, senhor !

LOLA.

A côr branca, pelo menos,
Era a côr da loura Venus.
Deusa esplendida do amor.

FIGUEIREDO.

Quem lhe disse ?

TODAS.

Sim, senhor !

FIGUEIREDO.

Se eu da mythologia
Fosse o reformador,
Venus transformaria
N'uma mulata !

TODAS.

Horror !...

FIGUEIREDO.

II

A mimosa côr do jambo
Pede um meigo dythirambo
Cinzelado com primor !

LOLA.

Que tolice !

TODOS.

Não, senhor !

FIGUEIREDO.

Eu com os ovos, por systema,
Deixo a clara e como a gemma,
Porque tem melhor sabor.

LOLA.

Quem lhe disse ?

TODAS.

Não, senhor !

FIGUEIREDO.

Se eu da mythologia
Fosse o reformador,
Venus transformaria
N'uma mulata !

TODAS.

Horror !...

Juntos

FIGUEIREDO.

AS COCOTES.

Gosto do amarello !
Que prazer me dá !
Nada mais anhelado,
Nem aspiro já !

Gosta do amarello !
Mãos exemplos dá !
Vara de marmelo
Merecia já !

EUSEBIO, *voltando*.—Aqui está cinco pape-
sinho do *Colibri*. Custou ! Toda a gente queria
comprá ! Eu metti o dinheiro no buraco, e o
home lá de dentro perguntou : « Onde leva ? »
Eu respondi : " Colibri ", e elle ficou muito es-
pantado, e disse : « E' o premero que compra
nesse bacamarte. »

FIGUEIREDO.—Vamos ver a corrida lá de cima. Pedirei um camarote ao Cartaxo.

TODOS.—Vamos! (*Saem.*)

SCENA VI

BEMVINDA, LOURENÇO, POVO.

LOURENÇO, *correndo*.—Correndo ainda apanho; mas olhe que o *Menelik*... (*Desapparece.*)

BEMVINDA.—Não sinhô, não sinhô! Não quero *Menelik*! Compre no que eu disse! (*Só no proscenio.*) Não gosto deste home: tem cara de padre... é muito enjoado... Nem deste, nem de nenhum... Não gosto de ninguém... O que eu tenho a fazê de mió é vortá para casa e pedi perdão a sinhá veia. (*Ouve-se o signal do fechamento do jogo.*)

PESSOAS DO POVO.—Fechou! Fechou! Ora! E eu que não comprei! (*Dirigem-se todos para o fundo: vão assistir á corrida.*)

LOURENÇO, *voltando*.—Sempre cheguei a tempo de comprar a pule! (*Dando a pule a Bemvinda.*) Mas que lembrança a sua de jogar no *Colibri*!

BEMVINDA.—E' porque é o nome de um burrinho que ha n'uma fazenda onde eu fui passá uns tempo.

LOURENÇO.—Ah! é cabula? (*Ouve-se um toque de campainha electrica.*) Se elle vencesse, você levava a casa das pules! (*Ouve-se um tiro de revolver e um pouco de musica.*) Começou a corrida! Vamos ver! (*Afastam-se para o fundo.*)

SCENA VII

GOUVÊA, FORTUNATA, QUINOTA.

FORTUNATA, *entrando apressada á frente de Gouvêa e Quinota*.—Não! não quero vê meu

fiu corrê na tá historia !... E logo que acabá a corrida, levo elle p'ra casa, e aqui não vorta !... Que coisa !... Bemvinda desapparece... Seu Eusebio desapparece... Juquinha não sae do Bellodromo... Tou vendo quando Quinota me deixa !...

QUINOTA.—Oh ! mamãe ! não tenha esse receio !

FORTUNATA.—Que terra ! Eu bem não queria vi no Rio de Janeiro !

QUINOTA.—Que vida tão diversa da vida da roça ! (*A Gouvea.*) Não ficaremos aqui depois de casados.

GOUVÊA.—Porque ?

QUINOTA.—A vida fluminense é cheia de sobresaltos para as verdadeiras mães de familia !

FORTUNATA.—Olhe seu Eusebio, um home de cincoenta anno, que teve até agora tanto juizo ! Arrespirou o á da Capitá Federá, e perdeu a cabeça !

GOUVÊA.—Apanhou o microbio da pandega !

QUINOTA.—Aqui ha muita liberdade e pouco escrupulo...faz-se ostentação do vicio... não se respeita ninguem... E' uma sociedade mal constituida !

GOUVÊA.—Não a suppunha tão observadora...

QUINOTA.—Eu sou roceira, mas não tola que não veja o mal onde se acha.

FORTUNATA.—Parece que já está choviscando... Eu senti um pingão...

QUINOTA.—O senhor por exemplo, o senhor, se pensa que me engana, engana-se. Conheço perfeitamente os seus defeitos.

FORTUNATA, *aparte*.—Ahi !

GOUVÊA.—Os meus defeitos ?

QUINOTA.— Oh ! são muitissimos, — e o menor delles não é querer aparentar um fortuna que não existe. Desagradam-me esses visiveis esforços que o senhor faz para illudir os outros. O melhor partido que o senhor tem a tomar... e olhe que este é o conselho da sua noiva, isto é, da pessoa que mais o estima n'este mundo... o melhor partido que o senhor tem a tomar é abrir-se com papae... confessar-lhe que é um jogador arrependido...

GOUVÊA.— Oh ! Quinota !...

FORTUNATA.— Não tem ó Quinota nem nada ! E' a verdade !...

QUINOTA.— Irá comnosco para a fazenda, onde não lhe faltará occupação.

FORTUNATA.— Sim sinhô ; é mió trabaiá na roça que fazê vida de vagabundo na cidade !— Outro pingo !

QUINOTA.— Papae precisa muito associar-se a um moço intelligente, nas suas condições. Sacrifique á sua tranquillidade os seus prazeres ; case-se, faça-se agricultor, e sua esposa, que não será muito exigente e terá muito bom senso, todos os annos lhe dará licença para vir matar saudades daquillo a que o senhor chama o microbio da pandega.

GOUVÊA, *aparte*.— Sim, senhor, pregou-me uma lição de moral mesmo nas bochechas !

FORTUNATA.— Seu Gouvêa, é mió a gente i p'r'o logá por onde Juquinha tem de sahi !

GOUVÊA.— Deve sahir por acolá... Vamos esperal-o na passagem. (*Estendendo o braço.*) E verdade ! já está choviscando. (*Saem.*)

(*O final da corrida. Um toque de campainha electrica. Pouco depois um pouco de musica. Voseria do povo, que vem todo ao proscenio.*)

C O R O

Oh ! Quem diria
Que ganharia
O *Colibri* !
Ganhou á tóa !
Pule tão boa
Eu nunca vi
Aqui !

SCENA VIII

LE MOS, GUEDES, LOURENÇO, O FREQUENTADOR DO BELLODROMO, depois EUSEBIO, FIGUEIREDO, LOLA, MERCEDES, DOLORES, BLANCHETTE, depois s'IL-VOUS-PLAIT, JUQUINHA, depois FORTUNATA, QUINOTA, GOUVÊA, depois BEMVINDA, depois LOURENÇO.

LE MOS. — Ganhou o *Colibri* ! Quem diria ?

GUEDES. — O *Colibri* !... que pulão !...

LOURENÇO. — Que desgraça !... O *Felix Faure* cahiu de proposito, mas por cima do *Felix Faure* cahiu o *Menelik*, por cima de *Menelik* o *Liguria*, por cima do *Liguria* o *Carnot*, e o *Colibri*, que vinha na bagagem, não cahiu por cima de ninguem e ganhou o pareo ! Que palpite de mulata ! Onde estará ella ? Vou procural-a. (*Desapparece.*)

O FREQUENTADOR, a *Lemos e Guedes*. — Então ? eu não dizia ? ganhou o 24 ! Doze e doze vinte e quatro. (*Com uma idéa.*) Ah !

Os DOUS. — Que é ?

O FREQUENTADOR. — Fui um asno ! 24 é a data da missa de setimo dia de minha mulher ! (*Lemos e Guedes afastam-se rindo.*) Ora esta ! ora esta !... E era um pulão !... (*Abre o guarda-chuva.*) Chove... Naturalmente não ha mais

corridas hoje... (*Afasta-se. Ha na scena alguns guarda-chuvas abertos. Aparecem Eusebio, Figueiredo e as cocottes. Vêm todos de guarda-chuvas abertos.*)

FIGUEIREDO.— Bravo ! Foi um tiro, seu Eusebio, foi um tiro !... O Colibri vendeu apenas seis pules e o senhor tem cinco !

S'IL-VOUS-PLAIT, *mettendo-se na conversa, e abrigando-se no guarda-chuva de Eusebio.* — Dá mais de cem mil réis cada pule !...

EUSEBIO.— Mais de cem mi rés ? Então ? Eu não disse ? O' o aquelle nome o menino não podia perdê ! O Colibri é um jumento de muita sorte ! (*A S' il-vous-plait.*) O sinhô conhece elle ?

S'IL-VOUS-PLAIT.— Quem ? o Colibri ? Sim, senhor !

EUSEBIO.— Vá chamá elle. Quero le dá uma lambuge !

S'IL-VOUS-PLAIT — Nem de proposito ! Elle ahi vem ! (*Chamando Juquinha, que apparece.*) O' Colibri ! está aqui um senhor que jogou cinco pules em você e quer dar-lhe uma gratificação.

JUQUINHA, *approximando-se muito lampeiro.*
— Aqui estou. Quê dê o home ?

EUSEBIO.— Era o Juquinha !

JUQUINHA.— Papae ! (*Deita a correr e foge.*)

EUSEBIO.— Ah ! tratante ! O Colibri era elle ! Alembrou-se do jumento !... E foge do pae ! Ora espera lá ! (*Corre atraz de Juquinha e desaparece. A chuva cresce. O povo corre todo e abandona a scena.*)

LOLA.— Onde vae ? Espere ! (*Corre atraz de Eusebio e desaparece.*)

AS MULHERES.— Vamos tambem ! Vamos tambem ! (*Correm atraz de Lola e desaparecem.*)

FIGUEIREDO. — Então, minhas filhas? Não corram! (*Vae atraz d' ellas e desaparece.*)

FORTUNATA, *entrando de guarda-chuva.* — E' elle! E' elle! E' seu Eusebio! (*Sae correndo pelo mesmo lado.*)

QUINOTA, *entrando, idem.* — Mamãe! Mamãe! (*Corre acompanhando Fortunata.*)

GOUVÊA, *idem.* — Minhas senhoras!... Minhas senhoras!... (*Corre e desaparece.*)

BEMVINDA, *entrando perseguida por Lourenço, ambos de guarda-chuva.* — Me deixe! Me deixe!... (*Desapparece.*)

LOURENÇO, *só em scena.* — Dê cá a pule, seu bemzinho, dê cá a pule, que eu vou receber! (*Desapparece. Mutação.*)

QUADRO X

A rua do Ouvidor.

SCENA PRIMEIRA

1º LITTERATO, 2º LITTERATO, PESSOAS DO POVO, depois FORTUNATA, QUINOTA, JUQUINHA.

CORO.

Não ha rua como a rua
Que se chama do Ouvidor!
Não ha outra que possua
Certamente o seu valor!
Muita gente ha que se masse
Quando, seja porque for,
Passa um dia sem que passe
Pela rua do Ouvidor!

1º LITTERATO. — Tens visto o Duquinha?

2º LITTERATO. — Qual! Depois que se metteu com a Lola, ninguem mais lhe põe a vista em cima!

1º LITTERATO.—E' pena! Um dos primeiros talentos d'esta geração...

2º LITTERATO.—Appaixonado por uma coctte!

1º LITTERATO. — Felizmente a Arte lucra alguma coisa com isso. O Duquinha faz magnificos versos á Lola. Ainda hontem me deu uns, que são puro Verlaine. Vou publical-os no sugundo numero da minha revista.

2º LITTERATO. — Que está para sahir ha seis mezes.

1º LITTERATO. — Oh! vê que linda rapariga ali vem!

2º LITTERATO. — Parece gente da roça. (*Ficam de longe, a examinar Quinota, que entra com a mãe e o irmão. Vem todos tres carregados de embrulhos.*)

FORTUNATA. — Vamo, minha fia, vamo tomá o bondes no largo de S. Francisco. As nossa compra está feita. A menhan de menhan vamos embora!

QUINOTA. — Sem papae?

FORTUNATA. — Elle que vá quando quizé! Hei de mostrá que lá em casa não se percisa de home!

QUINOTA. — E... seu Gouvêa?

FORTUNATA. — Não me fala de seu Gouvêa! Ha oito dia não apparece! Fez cumo teu pae! Foi mió assim... Havia de sê muito máo marido!

JUQUINHA. — Eu não quero i p'ra fazenda!

FORTUNATA. — Eu te amostró si tu vae ou não vae! Anda p'r'a frente! (*Vão sahindo.*)

1º LITTERATO, a Quinota. — Adeus, teteia!

FORTUNATA. — Quem é que é teteia? Arre-pita a gracinha, seu desavergonhado, e verá

como le parto este chapéo de só no lombo !...
(*Risadas.*) Vamo ! vamo !... Que terra !... Eu
bem não queria vi no Rio de Janeiro ! (*Saem
entre risadas.*)

SCENA II

1º LITTERATO, 2º LITTERATO, PESSOAS DO
POVO, depois DUQUINHA.

2º LITTERATO. — Tu ainda um dia te saes
mal com esse maldito costume de bolir com as
moças !

1º LITTERATO. — Nada disse que a offen-
desse. «Adeus teteia» não é precisamente um
insulto.

2º LITTERATO. — Pois sim, mas que farias
tu se dissessem o mesmo á tua irman ?

1º LITTERATO. — Não é a mesma coisa !
Minha irman é...

2º LITTERATO. — Não é melhor que as ir-
mans dos outros. (*Entra Duquinha. Vem pal-
lido, e com grandes olheiras.*)

DUQUINHA. — Ah ! meus amigos ! meus
amigos ! Se soubessem o que me aconteceu !

OS DOIS. — Que foi ?

DUGUINHA. — Ainda não estou em mim !

OS DOIS. — Fala !

DUQUINHA. — O fazendeiro... Aquelle fa-
zendeiro de quem lhes falei ?...

OS DOIS. — Sim !

DUQUINHA. — Apanhou-me com a bocca na
botija !...

1º LITTERATO. — Mas que tem isso ?

DUQUINHA. — Como, que tem isso ? Aquelle
homem é rico ! Dava tudo á Lola !

2º LITTERATO, — Tu tambem não lhe davas pouco !

DUQUINHA, *vivamente*. — Dinheiro nunca lhe dei, -- nem ella o aceitaria...

1º LITTERATO, — Pois sim !

DUQUINHA. — Joias... vestidos... pares de luvas... leques... chapéos... Dinheiro, nem vin-tem ! Quem sempre me apanhava algum era o Lourenço, o cocheiro,

2º LITTERATO. -- E's um pateta ! Mas conta-nos isso !

DUQUINHA. — Estavamos — ella e eu — na saleta, e o bruto dormia na sala de jantar. Eu tinha levado á Lola umas perolas com que ella sonhou... Vocês não imaginam como aquella rapariga sonha com coisas caras !

1º LITTERATO. — Imaginamos. —Adiante !

DUQUINHA. —Eu lia para ella ouvir os meus ultimos versos... aquelles que te dei hontem para a revista...

Depois que te amo, depois que és minha,
Nado em delicia, nado em delicia....

1.º LITTERATO. — Eu sei. Verlaine puro.

DUQUINHA. —Obrigado. —No fim de cada estrophe, eu dava-lhe um beijo... um beijo quente e apaixonado... um beijo de poeta !... Pois bem, depois da terceira estrophe :

Oh ! se algum dia destino fero
Nos separasse, nos separasse.....

1.º LITTERATO, *continuando*,

O que faria contar não quero.....

DUQUINHA.

Que se o contasse, que se o contasse...

No fim dessa estrophe, Lola, que esperava a deixa, estende-me a face, eu beijo-a e o fazendeiro, de pé, na porta da saleta, com os olhos esbugalhados, dá este grito : Ah ! seu pelintreca !...

2.º LITTERATO. — E tu ?

DUQUINHA. — Eu ?... Eu.... eu cá estou. Não sei o que mais aconteceu. Quando dei por mim estava dentro de um bonde electrico, tocando á toda para a cidade !...

1º LITTERATO. — Fizeste uma bonita figura, não ha duvida ! Podes limpar a mão á parede !

DUQUINHA. — Porque ?

1.º LITTERATO. — Essa mulher não te perdoará nunca tal covardia !

2º LITTERATO. — Olha, o melhor que tens a fazer é não voltares lá !

DUQUINHA. — Ah ! meu amigo ! isso é bom de dizer, mas eu estou apaixonado...

2.º LITTERATO. — Tu estás mas é fazendo asneiras ! Onde vaes tu buscar dinheiro para essas loucuras ?

DUQUINHA. — Mamãe tem me dado algum... mas confesso que contrahi algumas dividas, e não pequenas. — Ora adeus ! não pensemos em coisas tristes, e vamos tomar alguma coisa... alegre !

OS DOUS — Vamos lá ! (*Afastam-se pela direita, comprimentando Mercedes, Dolores e Blanche, que entram por esse lado e se encontram com Lola que entra da esquerda, muito nervosa e agitada. Figueiredo entra da direita, observa sa tocottes, pára, e, collocado por traz dellas, ouve tudo quanto ellas dizem.*)

SCENA III

LOLA, MERCEDES, DOLORES, BLANCHETTE
FIGUEIREDO, PESSOAS DO POVO, depois-
DUQUINHA.

LOLA.—Ah! venham cá. Estou afflictissima!
Não calculam vocês que serie de desgraças!
AS OUTRAS.—Que foi? que foi?...

LOLA.

Rondó

Com o Duquinha ha pouco eu estava
Na saleta a conversar,
E o Eusebio resonava
Lá na sala de jantar.
O Duquinha uns versos lia,
Mas não lia sem parar,
Que a leitura interrompia
Para uns beijos me furtar;
Mas ao quarto ou quinto beijo,
Sem se fazer annunciar,
Entra o Eusebio, e o poeta vejo
Dar um grito e pôr-se a andar!
Pretendi novos enganos,
Novas tricas inventar,
Mas o Eusebio poz-se a pannos:
Não me quiz acreditar!
Vendo a sorte assim fugir-me,
Vendo o Eusebio se escapar,
Fui ao quarto p'ra vestir-me
E sahir para o apanhar.
Mas no quarto vi, de chofre,
—'Stive quasi a desmaiar!—
Vi as portas do meu cofre
Abertas de par em par!
O ladrão foi o cocheiro!
Nada ali me quiz deixar!
Levou joias e dinheiro
Que nem posso avaliar!

BLANCHETTE.— O cofre aberto!

DOLORES.— Joias e dinheiro!

MERCEDES. — O cocheiro !

LOLA. — Sim, o cocheiro, o Lourenço, que desapareceu !

BLANCHETTE. — Mas como soubeste que foi elle ?

LOLA. — Por esta carta, a unica coisa que encontrei no cofre ! Ainda por cima escarneceu de mim ! (*Tem tirado a carta da algibeira.*)

MERCEDES. — Deixa ver.

LOLA. — Depois ! Agora vamos á policia ! Não ! á policia não !

AS TRES. — Porque ?

LOLA. — Não convem. Logo saberão porque. Vamos a um advogado ! (*Julga guardar a carta, mas está tão nervosa, que deixa-a cahir.*) Vamos !

AS TRES. — Vamos ! (*Vão sahindo e encontram-se com Duquinha.*)

DUQUINHA. — Lola !

LOLA, *dando-lhe um empurrão.* — Vá para o diabo !

AS TRES. — Vá para o diabo ! (*Saem as cocottes. Figueiredo disfarça e apanha a carta que Lola deixou cahir.*)

DUQUINHA, *comsigo.* — Estou desmoralizado ! Ella não me perdoa o ter sahido, deixando-a entregue á furia do fazendeiro ! Sou um desgraçado ! Que hei de fazer ?... Vou desabafar em verso... Não ! vou tomar uma bebida ! ... (*Sae.*)

SCENA IV

FIGUEIREDO, PESSOAS DO POVO.

FIGUEIREDO. — Ora aqui está como uma pessoa, sem querer, vem ao conhecimento de tanta coisa ! Vejamos o que o cocheiro lhe

deixou escripto. (*Põe a luneta e lê.*) «Lola.— Eu sou um pouco mais artista que tu. Saio da tua casa sem me despedir de ti, mas levo, como recordação da tua pessoa, as joias e o dinheiro que pude apanhar no teu cofre. Cala-te ; se fazes escandalo, ficas de máo partido, porque eu digo : 1º, que de combinação representámos uma comedia para extorquir dinheiro ao Eusebio ; 2º, que induziste um filho-familia a contrahir dividas para presentear-te com joias ; 3º, que nunca foste hespanhola e sim ilhóa ; 4º, que foste a amante do teu ex-cocheiro— Lourenço.» Sim, senhor, é de muita força a tal senhora dona Lola !... Não ha, juro que não ha mulata capaz de tanta pouca vergonha ! (*Sae.*)

SCENA V

GOUVÊA, PESSOAS DO POVO, depois PINHEIRO.

Gouvêa, traz as botas rotas, a barba por fazer, um aspecto geral de miseria e desanimo.)

GOUVÊA.—Ninguem, que me visse ainda ha tão pouco tempo tão cheio de joias, não acreditará que não tenho dinheiro nem credito para comprar um par de sapatos ! Ha oito dias não vou á casa de minha noiva, porque tenho vergonha de lhe apparecer n'este estado !

PINHEIRO, *apparecendo.* — Oh ! Gouvêa ! como vae isso ?

GOUVÊA. — Mal, meu amigo, muito mal...

PINHEIRO. — Mas que quer isto dizer ? Não me pareces o mesmo ! Tens a barba crescida, a roupa no fio... Desappareceu do teu dedo aquelle esplendido e escandaloso pharol, e tens umas botas que riem da tua esbodegação !

GOUVÊA. — Fala á vontade. Eu mereço os teus remoques.

PINHEIRO. — E dizer que já me quizeste pagar com juro de cento por cento dez mil réis que eu te havia *emprestado* !

GOUVÊA. — Por signal que disseste, creio, que esses dez mil réis ficavam ao meu dispor.

PINHEIRO. — E ficaram. (*Tirando dinheiro do bolso.*) Cá estão elles. — Mas como um par de botinas não se compra com dez mil réis, aqui tens vinte... sem juro. Pagarás quando quizeres.

GOUVÊA. — Obrigado, Pinheiro; bem se vê que tens uma alma grande e nunca jogaste a roleta.

PINHEIRO. — Nada ! — Sempre achei que o jogo, seja elle qual fôr, não leva ninguem para diante. — Adeus, Gouvêa... apparece ! Agora, que estás pobre, isso não te será difficil... (*Sae.*)

SCENA VI

GOUVÊA, depois EUSEBIO.

GOUVÊA. — Como este typo faz pagar caro os seus vinte mil réis ! Ah ! elle apanhou-me descalço ! Enfim, vamos comprar os sapatos ! (*Vae sahindo e encontra-se com Eusebio, que entra cabisbaixo.*) Oh ! o Sr. Eusebio ! ...

EUSEBIO. — Ora ! inda bem que le encontro ! ...

GOUVÊA, *aparte*. — Naturalmente já voltou á casa... Como está sentido !... Vae falar-me de Quinota !...

EUSEBIO. — Hoje de manhã encontrei ella beijando um mocinho !

GOUVÊA.— Hein?

EUSEBIO.— E' levada do diabo! Não sei como o sinhô poudé gostá della!

GOUVÊA.— Ora essa! a ponto de querer casar-me!

EUSEBIO.— Era uma burrice!

GOUVÊA.— Custa-me crêr que ella...

EUSEBIO.— Pois creia! Beijando um moço, um pelintreca, seu Gouvêa!... Veja o sinhô de que serviu gastá tanto dinheiro com ella!....

GOUVÊA.— Sim, o senhor educou-a bem... ensinou-lhe muita coisa...

EUSEBIO, *vivamente*.— Não sinhô! Não ensinei nada!... Ella já sabia tudo! O sinhô, sim! Se arguem ensinou, foi o sinhô e não eu! Beijando um pelintreca, seu Gouvêa!....

GOUVÊA.— Dona Fortunata não vio nada!

EUSEBIO.— Dona Fortunata?... Uê!... Como é que havêra de vê?... Olhe, eu lá não vorto!

GOUVÊA.— Não volta! Ora esta!

EUSEBIO.— Não quero mais sabê della!

GOUVÊA.— Deve lembrar-se que é pae!

EUSEBIO.— Por isso mêmo! Ah! seu Gouvêa, se arrependimento sarvasse... Bem; o sinhô vae me apadrinhá, como n'outro tempo se fazia com preto fugido... Não me astrevo a entrá in casa sosinho depois de tantos dia de osença!

GOUVÊA.— Em casa? Pois o senhor não me acaba de de dizer que lá não volta porque dona Quinota...

EUSEBIO.— Quem le fallou de Quinota?

GOUVÊA.— Quem foi então que o senhor encontrou aos beijos com o pelintreca?— Ah! agora percebo! A Lola!...

EUSEBIO.— Pois quem haverá de sê ?

GOUVÊA.— E eu supuz... Onde tinha a cabeça?... Perdôa, Quinota, perdôa!... Vamos, senhor Eusebio... Eu o apadrinharei, mas com uma condição: o senhor por sua vez me ha de apadrinhar a mim, porque eu tambem não appareço á minha noiva ha muitos dias!

EUSEBIO.— Porque?

GOUVÊA.— Em caminho tudo lhe direi. (*Aparte.*) Aceito o conselho de Quinota: vou abrir-me! (*Alto.*) Tenho ainda que comprar um par de sapatos e fazer a barba.

EUSEBIO.— Vamo, seu Gouvêa! (*Saem. Ao mesmo tempo apparece Lourenço perseguido por Lola, Mercedes, Dolores e Blanchette.*)

SCENA VIII

LOURENÇO, LOLA, MERCEDES, DOLORES,
BLANCHETTE, PESSOAS DO POVO.

LOLA E OS OUTROS.— Péga ladrão! Péga ladrão!...

(*Lourenço é agarrado por pessoas do povo e dous soldados que apparecem. Grande roseria e confusão. Apitos. Mutação.*)

QUADRO XI

O sotam occupado pela familia de Eusebio.

SCENA PRIMEIRA

JUQUINHA, depois FORTUNATA, depois
QUINOTA.

JUQUINHA, *entrando a correr da esquerda.*—
Mamãe! Mamãe!

FORTUNATA, *entrando da direita.* — Que é, menino ?

JUQUINHA. — Papae tá hi !

FORTUNATA. — Tá hi ?

JUQUINHA. — Eu encontrei elle ali no canto e elle me disse que viesse vê se va' mecê tava zangada, que se tivesse elle não entrava.

FORTUNATA. — Oh ! aquelle home, aquelle home o que merecia ! — Vae, vae dizê a elle que não tou zangada !

JUQUINHA. — Seu Gouvêa tá junto co' elle.

FORTUNATA. — Bem ! venha todos dous !
(*Juca sae correndo.*) Quinota ! Quinota !...

A VOZ DE QUINOTA. — Senhora ?

FORTUNATA. — Vem cá, minha fia. — Eu não ganho nada me consumindo. Já tou véia; não quero me amofiná. (*Entra Quinota.*) Quinota, teu pae vem ahi... mas o que está arresorvido está : amenhan de menhan vamos embora.

QUINOTA. — E seu Gouvêa ?

FORTUNATA. — Tambem vem ahi.

QUINOTA, *contente.* — Ah !

FORTUNATA. — Não quero mais ficá n'uma terra onde os marido passa dias e noite fóra de casa !...

SCENA II

FORTUNATA, QUINOTA, JUQUINHA, EUSEBIO,
depois GOUVÊA.

JUQUINHA, *entrando.* — Tá hi papae !

EUSEBIO, *da porta.* — Posso entrá ? Não temo briga ?

QUINOTA. — Estando eu aqui, não ha disso !

FORTUNATA. — Sim, minha fia, tu é o anjo da paz.

QUINOTA, *tomando o pae pela mão.*— Venha cá. (*Tomando Fortunata pela mão.*) Vamos ! Abracem-se !...

FORTUNATA, *abraçando-o.*— Diabo de home véio sem juiso.

EUSEBIO.—Foi uma maluquice que me deu! Ráe, rae, dona Fortunata !

FORTUNATA. —Pae de fia casadeira !

EUSEBIO.—Tá bom ! tá bom ! Juro que nunca mais ! Mas deixe le dizê....

FORTUNATA.— Não ! Não diga nada ! Não se defenda ! E' mió que as coisa fique como está.

JUQUINHA.— Seu Gouvêa tá no corredô.

QUINOTA.— Ah ! (*Vae buscar Gouvêa pela mão. Gouvêa entra manquejando.*)

EUSEBIO.— Assim é que o sinhô me apadri-nhou ?

GOUVÊA.— Deixe-me ! Estes sapatos novos fazem-me ver estrellas !

FORTUNATA.— Seu Gouvêa, le participo que amenhan de menhan tamo de viage.

EUSEBIO.— Já conversei co elle.

GOUVÊA, *a Quinota.*— Eu abri-me !

EUSEBIO.— Elle vae c' a gente. Não tem que fazê aqui. Tá na pyndahiba, mas é o memo. Casa com Quinota e fica sendo meu socio na fazenda.

QUINOTA.— Ah ! papae ! quanto lhe agradeço !

JUQUINHA.— A Bemvinda tá hi.

TODOS.— A Bemvinda !

FORTUNATA.— Não quero vê ella ! não quero vê ella ! (*Quinota vae buscar Bemvinda que entra, a chorar, vestida como no 1.º quadro, e ajoelha-se ac's pés de Fortunata.*)

SCENA III

Os mesmos, BEMVINDA.

BEMVINDA. — Tou muito arrependida ! Não valeu a pena ! ...

FORTUNATA. — Rua, sua desavergonhada !

EUSEBIO. — Tenha pena da mulata !

FORTUNATA. — Rua !

QUINOTA. — Mamãe, lembre-se de que eu mamei o mesmo leite que ella !

FORTUNATA. — Este diabo não tem desculpa ! Rua ! ...

GOUVÊA. — Não seja má, dona Fortunata. Ella tambem apanhou o microbio da pandega.

FORTUNATA. — Pois bem, mas se não se comportá dereto... (*Bemvinda vai para junto de Juquinha.*)

EUSEBIO, *baixo a Fortunata.* — Ella ha de casá com seu Borge... Em dou o dote...

FORTUNATA. — Mas seu Borge...

EUSEBIO. — Quem não sabe é como quem não vê. (*Alto.*) A vida da capitá não se fez para nós... E que tem isso?... E' na roça, é no campo, é no sertão, é na lavoura que está a vida e o porgresso da nossa querida Patria ! (*Mutação.*)

QUADRO XII

Apotheose á vida rural.

Toda a musica d'esta peça é composta pelo Sr. Nicolino Milano, á excepção das coplas a pags. 21 e 111, do côro a pags. 24, do duettino a pags. 31 e do quartetto a pags. 42, que foram compostas pelo Sr. Dr. Assis Pacheco, e da valsa a pags. 12, composição do Sr. Luiz Moreira.

